

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO

Arq. Manuel Aires Mateus, Supervisor
Arq. Francisco Aires Mateus, Orientador

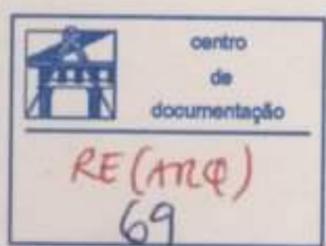
Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa

Licenciatura em Arquitectura

1997/1998

Rodolfo Reis Dias

Nº 2466



RE(ARQ)- 69

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

GRANDE ESPAÇO COBERTO PARA ASSEMBLEIAS

INTRODUÇÃO

PROGRAMA

ESPAÇOS A CONSTRUIR

SOLUÇÃO PROPOSTA

MEMÓRIA DESCRITIVA

PROCESSO

APRESENTAÇÃO

EDIFÍCIO DA REITORIA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

INTRODUÇÃO

LOCALIZAÇÃO E IMPLANTAÇÃO

EDIFÍCIO

MATERIAIS

PEÇAS DESENHADAS

APRESENTAÇÃO

CONCLUSÃO

ANEXO

GRANDE ESPAÇO COBERTO PARA ASSEMBLEIAS

EDIFÍCIO DA REITORIA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA



FACULDADE DE ARQUITECTURA
BIBLIOTECA



0990012029

FACULDADE DE ARQUITECTURA
05999
(Centro de Documentação)

O relatório que se segue representa um ponto de partida e reflexão de um percurso bastante diferenciado. Aqui será apresentado, na sua generalidade e de uma forma objectiva e decorativa de dois trabalhos realizados: o Concurso para o Grande Espaço Coberto para Assembleia - GECA e o Edifício da Faculdade de Universidade Nova de Lisboa - Profissão tanto quanto possível objectividade no relatório, pois estar de acordo de que a subjectividade quando se analisa pode ser dada, porque um conceito.

Quanto ao conteúdo deste relatório que se divide em duas partes distintas, por ser através a qual uma delas um trabalho diferente, também elas diferem, por isso estarão devidamente relacionados.

Assim a primeira parte é dedicada ao Concurso para o GECA, o qual inclui uma breve descrição do programa que serviu de base e onde descrevo toda a evolução e intenções desenhadas pelo Serviço de Férias. Seguidamente surge a necessidade de comentar o projeto que apresentámos e aqui a opção foi bastante clara. Faz-se referência de uma Memória Descritiva, que considero exemplar, a descrição feita do projeto como das suas funções, foi escrita completamente livremente. Não me pareceu, e não tardou muito a redigir, necessária ou mesmo curta, fazer ou ainda mais importante a este documento. O ponto seguinte refere-se a uma ideia do processo tomado para a execução do projeto, onde se descreve alguns dos caminhos que seguimos e abandonámos. Finalmente a dedicação relativa importância e apresentação do Concurso, que serviu para o efeito onde se encontram alguns dos pontos que seguiram para concurso, em formato mais apropriado.

A segunda parte do relatório serve a descrição do Projeto de Execução do Edifício da Faculdade de UNL, primeiramente com a descrição geral e para, para seguidamente o desenvolver, também de uma maneira principal, quanto aos materiais e sua respectiva aplicação. Parece-me também importante analisar as partes desenvolvidas (e escritas) que contemplam todo o processo de projecto de arquitectura. Assim será analisado por grupos de espaços e tempo, toda uma variedade de elementos, internamente ligados. Naturalmente como era comum com o projecto anterior, haverá um capítulo dedicado à apresentação e como está é necessário e rigorosa.

O relatório que se segue representa um ponto de paragem e reflexão de um percurso bastante diferenciado. Aqui será apresentado, na sua generalidade e de uma forma objectiva, o decorrer de dois distintos trabalhos: o Concurso para o Grande Espaço Coberto para Assembleias – GECA e o Edifício da Reitoria da Universidade Nova de Lisboa. Pretendo tanto quanto possível objectividade no relatório, pois estou de acordo de que a subjectividade quando se explica perde densidade, parece um capricho.

Quanto ao conteúdo deste relatório que se divide em duas partes distintas, por ser atribuída a cada uma delas um trabalho diferente, também elas diferem, por lhes estarem devidamente relacionadas.

Assim a primeira parte é dedicada ao Concurso para o GECA, o qual inicio com uma devida descrição do programa que serviu de base e onde descrevo todos os espaços e intenções desejados pelo Santuário de Fátima. Seguidamente surge a necessidade de compreender o projeto que apresentámos e aqui a opção foi bastante clara. Face à existência de uma Memória Descritiva, que considero exemplar, a descrição tanto do projecto como das suas intenções fica então completamente fechada. Não me pareceu, e mais tarde volto a repeti-lo, necessário ou mesmo correcto, tornear ou atribuir menor importância a este documento. O ponto seguinte refere-se a uma ideia do processo tomado para a elaboração do projecto, onde explico alguns dos caminhos que seguimos e abandonámos. Finalmente é dedicada relevante importância à apresentação do Concurso, que remete para o anexo onde se encontram alguns dos painéis que seguiram para concurso, em formato mais apropriado.

A segunda parte do relatório serve a descrição do Projecto de Execução do Edifício da Reitoria da UNL, primeiramente com a descrição piso a piso, para seguidamente o descrever, também de uma maneira intencional, quanto aos materiais e sua respectiva aplicação. Parece-me também importante analisar as peças desenhadas (e escritas), que constituem todo o pacote do projecto de arquitectura. Assim será analisado por grupos de escalas e temas, toda uma variedade de elementos, interiormente ligados. Novamente, como em comum com o projecto anterior, haverá um capítulo dedicado à apresentação e como esta é necessária e rigorosa.

Finalmente as conclusões que não serão diferenciadas por questões de ordem intencional. Quero dizer com isto, que considero toda a minha aprendizagem como um grande pacote, onde tudo se mistura e serve tudo quanto pode. Não considero minimamente útil ou sequer relevante apresentar opiniões ou palpites, que pensei ou ainda penso, ao qual o carácter objectivo do discurso, penso, responde até com maior eficácia.

Na verdade, Deus não escolheu o povo por causa do templo, mas o templo por causa do povo.

— (2 Mac 5:18)

INTRODUÇÃO

Face a uma urgente resposta a profundos e carências sentidas pelo Santuário de Fatima, este lançou um concurso por convites a um conjunto nomeado de arquitectos, nacionais e internacionais. A minha participação no projecto, integrou-se na equipa do Arq. Gonçalo Byrne, da parte da Arca Mateus & Associados.

PROGRAMA

Actuais espaços e suas insuficiências e inconvenientes

O Santuário de Fatima, para um melhor cumprimento da sua missão, sente a necessidade da concepção e aplicação de determinadas soluções, que se apresentem hoje insuficientes ou inconvenientes.

As várias capelas dispostas actualmente (Capelas de S. José, Sagrada Família, Santos Anjos e N.ª S.ª das Dores), apresentam-se insuficientes para o número de grupos, já com algumas dimensões (100, 50, 300, e 30 pessoas, respectivamente). A Capela dos Santos Anjos que está actualmente ocupada com doentes, poderá abrir-se a grupos da sua dimensão.

A Capela do Sagrado Lincepino (Lavor Eremo), apresenta-se hoje também insuficiente em capacidade, e nos dias de maior afluência não tem um ambiente suficientemente calmo, próprio de um lugar de oração individual. Sofre ainda de inconvenientes de proximidade do Recinto do Santuário, pelo ruído de altifalantes e multidão. Pouca protecção relativamente ao exterior imediato (colunata), onde as pessoas têm de conversar. A renovação do altar trata-se de de um espaço com algumas zonas de arco, é bastante deficiente.

A Basílica de Nossa Senhora do Rosário é adequada em capacidade para assembleias com mais de 1000 pessoas (capacidade a atingir mais de duas centenas de grupos).

O Recinto, embora se considere suficiente em capacidade para os grandes cultos, sob o ponto de vista do conforto, tem alguns inconvenientes. O frio e o vento, no inverno, e um certo ruído de voo, a chuva, que alteram

'Na verdade, Deus não escolheu o povo por causa do templo, mas o templo por causa do povo.'

(2 Mac 5,19)

Face a uma urgente resposta a problemas e carências sentidas pelo Santuário de Fátima, este lançou um concurso por convites a um reduzido número de arquitectos, nacionais e internacionais. A minha participação no projecto, integrou-se na equipa do Arq. Gonçalo Byrne, da parte da Aires Mateus & Associados.

INTRODUÇÃO

PROGRAMA

Actuais espaços e suas Insuficiências e Inconvenientes

O Santuário de Fátima, para um melhor cumprimento da sua missão, sente a necessidade da construção e ampliação de determinados edifícios, que se apresentam hoje insuficientes ou inconvenientes.

As várias capelas disponíveis actualmente (Capelas de S. José, Sagrada Família, Santos Anjos e N^a S^a das Dores), apresentam-se insuficientes para o número de grupos, já com algumas dimensões (100, 50, 300, e 80 pessoas, respectivamente). A Capela dos Santos Anjos que está actualmente ocupada com doentes, poderá abrir-se a grupos da sua dimensão.

A Capela do Sagrado Lausperene (Louvor Eterno), apresenta-se hoje também insuficiente em capacidade, e nos dias de maior afluência não tem um ambiente suficientemente calmo, próprio de um lugar de oração individual. Sofre ainda de inconvenientes da proximidade do Recinto do Santário, pelo ruído de altifalantes e multidão. Pouca protecção relativamente ao exterior imediato (colunata), onde as pessoas param a conversar. A renovação do ar, visto tratar-se de um edifício com algumas dezenas de anos, é bastante deficiente.

A Basílica de Nossa Senhora do Rosário é insuficiente em capacidade para assembleias com mais de 1000 peregrinos (chega-se a atingir mais de duas centenas de grupos).

O Recinto, embora se considere suficiente em capacidade para os grandes dias, sob o ponto de vista do conforto, tem alguns inconvenientes. O frio e o vento, no inverno e em certas noites de verão; a chuva, que acontece em algumas dezenas de grandes

assembleias; o calor, particularmente nos meados de verão (meados de Julho a meados de Setembro); o ruído, incómodo quer para os peregrinos, quando a instalação sonora está várias horas ligada, quer para todos, de noite, incluindo a população da Cova da Iria; com a facilidade de deslocação e a não fixação das pessoas por falta de cadeiras, torna-se dispersivo, facilitando a correria de crianças ou as deslocações e conversa dos adultos.

A Praça Pio XII serve frequentemente de lugar de concentração dos grandes grupos, antes de descerem ordenados para a Capelinha. Relativamente ao Recinto, tem o grande inconveniente de não permitir a visibilidade sobre o altar central.

A capela da Reconciliação apesar de geralmente responder bem, pode considerar-se insuficiente quanto a espaço de espera, quanto a espaço de preparação comunitária e quanto ao número de confessionários, nos dias de maior afluência.

O programa apresentado pretende responder, acima de tudo, a insuficiências em número ou capacidade, sendo também pedido, dentro dos limites razoáveis, a insuficiências de conforto.

Os espaços a construir podem dividir-se em quatro categorias:

O Grande Espaço Coberto para Assembleias (GECA), cuja capacidade máxima será de 17.000 (ou 10.000 sentados), número que não abrangerá as assembleias dominicais de Verão, que em média são da ordem dos 20.000 peregrinos, mas que é considerada suficiente para as assembleias dominicais de Inverno, que são da ordem de no mínimo 3.000 pessoas (capacidade do GECA 1).

Outros espaços que, não sendo todos de igual importância, são acima de tudo muito convenientes. Aponta-se para o seu englobamento no mesmo complexo arquitectónico, para uma utilização mais racional.

Estes espaços dividem-se em duas categorias, pelas suas específicas actividades, sejam elas de Oração ou de Acolhimento.

Nos Espaços de Oração, pede-se uma nova Igreja do Lausperene, a fim de possibilitar a adoração a um maior número e com melhor conforto; também nova Igreja da Reconciliação, pela necessidade que se sente para a preparação de alguns grupos, a espera de outros, a celebração de uma dúzia de outros, e para um melhor atendimento de portugueses e estrangeiros, em lugares separados; sete novas

Espaços a construir

SOLUÇÃO PROPOSTA

Mémória descritiva

capelas de dimensão média, necessária para os grupos particulares e que podem servir também para as celebrações penitenciais de preparação para o sacramento da Reconciliação.

Quanto aos Espaços de Acolhimento, abraçam uma grande gama de actividades do Santuário, e que vão de uma simples informação, a uma guarda de volumes (sacos merendas, cadeiras, etc), ao fornecimento de dormida e sopa a peregrinos, aos cuidados de post-socorro, ao albergamento de deficientes e doentes, para retiros espirituais e peregrinações.

Espaços de Circulação e Espera como Adros, Átrios e Átrios Secundários. Do primeiro, pede-se uma zona exterior, ao ar livre, percurso de entrada desde o parque automóvel ou estrada para o GECA, e que será suficientemente amplo para servir de transição para o Atrio, por este ser coberto. Quanto, ao Átrio Principal, pretende-se que seja um vasto espaço de acolhimento "exterior" à zona de assembleias (à maneira de 'adro' coberto). Os Átrios Secundários, terão a mesma função, mas nas entradas secundárias.

Finalmente os Espaços Técnicos, que por consequência do tamanho do complexo arquitectónico, ocupam ainda uma área considerável.

Parece-me ser de toda a conveniência a inclusão da memória descritiva, apresentada no concurso, neste relatório e, como não me parece correcto, pela importância explicativa das intenções projectuais, apresentá-la como documento anexo, segue como citação:

"ARQUITECTURA

PREÂMBULO

Sobrevoar Fátima é hoje uma experiência inquietante se nos confrontarmos com as paisagens que ainda em parte persistem no Planalto de S. Mamede e que se aproximam dos comoventes registos fotográficos contemporâneos das aparições de 1917.

Nessas fotografias, de grande densidade emocional, toca-nos a flagrante coerência entre a presença humana subitamente surpreendida na sua existência quotidiana pela revelação divina, e o contexto de uma paisagem rude, primária, onde, segundo a Dr^a M^a

SOLUÇÃO PROPOSTA

Memória descritiva

José de La Fuente (in "As construções no recinto do Santuário de Nossa Senhora de Fátima – EXPOFAT 1992) "*a solidão era total e a marca do homem insignificante*".

É indissociavelmente neste contexto que há cerca de oitenta anos se processam os acontecimentos que veiculam a mensagem de Fátima, cuja comemoração e representação se vai lentamente sedimentando em supressões, acrescentos, construções, edifícios e espaços, que hoje registamos.

Bem ou (e) mal, em oitenta anos de história os homens construíram a "marca" territorial, a "cidade" cristalizada que se observa nestas últimas imagens que, à semelhança das primeiras, são, como sabemos, cristalizações momentâneas (1917-1997) de uma realidade onde a "natureza" vai sendo progressivamente ocupada pela acção antropizante da construção humana.

DUAS FACES DA MESMA CIDADE

Fátima parece uma cidade a duas velocidades. Por um lado uma aglutinação aparentemente irregular e caótica de construções, maioritariamente de tipologia pavilhonar, cristalizada sobre um terreno de matriz rural. São pouco visíveis os sinais característicos de um padrão urbano, da rua, do alinhamento construído, do quarteirão, da praça, etc., a não ser próximo do Santuário ou em torno do novo sistema viário das derivações da primitiva EN356.

Dir-se-ia que a "*forma-urbis*" desta cidade traduz um processo culturalmente incipiente e primário, embora denso e violento, de apropriação do espaço, baseado sobretudo na acumulação dos objectos que procuram o rendimento especulativo possível numa perspectiva de pragmatismo individual, numa lógica que despreza a infra-estrutura e o espaço público como valor cultural comum. A evolução desta cidade passou pela fase provisória da construção abarracada de casas e lojas, que se foi petrificando e ampliando, passando do quarto de hóspedes ao albergue, da loja ao centro comercial.

A forma urbana resulta essencialmente da lógica do objecto, isolado, pragmático, e o processo de assentamento é acumulativo de fragmentos numa geografia rural praticamente incólume mas que se anula justamente por esse mesmo processo acumulativo.

Na outra face de Fátima domina o vazio do Santuário à escala de uma gigantesca infra-estrutura, à dimensão das massas humanas, onde é imediatamente reconhecível uma ordem, algumas hierarquias, um desenho que se manifesta tão intensamente no pavimento como nas emergências pétreas dos edifícios ou ainda nas extensas e longas massas arbóreas transplantadas. De imediato se reconhece a construção, a arquitectura, o artificial que se sobrepôs ao natural criando uma ordem totalmente nova que pela sua lógica formal e dimensão anula a presença geográfica precedente o seu "*genius locci*" criando uma outra "encenação" cuja cenografia se vai socorrer de modelos facilmente reconhecíveis, mas geradores de uma outra identidade que não mais a pré-existente, e em nossa opinião de modo irreversível.

Não se entende esta análise como um juízo moral condenatório que de modo algum pretende ser, não só porque estamos perfeitamente cientes dos contextos culturais que geraram esses modelos, como reconhecemos virtualidade em muitas das situações espaciais criadas. A questão central é outra e prende-se com a procura das raízes fundacionais das opções que vamos tomar no projecto que propomos, conscientes de que vamos pegar num processo de sucessivos artefactos que nos antecedem para acrescentar um novo que, à semelhança dos anteriores, irá reflectir a sua contemporaneidade, porque essa é a condição indissociável da arquitectura.

Assim, em continuação do raciocínio que vínhamos fazendo, ao contrário da "cidade civil" de Fátima se ter baseado numa lógica de acumulação "espontânea" de objectos (e não difere substancialmente da evolução urbana generalizada no nosso País nos últimos 30 anos, apesar de aqui em Fátima, não se poder dizer que faltaram os planos) a "cidade do Santuário" assenta numa lógica de supressão ou ocultação da geografia precedente, de recintagem ou perimetração do território sagrado e de encenação de uma outra espacialidade com grande autonomia que reforça numa representação monumentalizante em torno de uma axialidade central (classicizante) recorrendo depois a tipologias emergentes muito objectuais ou objectualizadas quer se tratem de novos edifícios (a basílica, a colonata, os hospitais agora transformados) ou das pouquíssimas pré-existências "objectualizadas" (a azinheira elevada e isolada, ou a própria Capela das Aparições

envolvida noutra construção) ou mesmo ainda das tipologias e espécies vegetais adoptadas (em alinhamentos de recintagem e sebes de enquadramento usando espécies importadas como ciprestes, falsos Cedros do Buçaco, etc, longe da rica flora local bem diversa).

BREVE HISTÓRIA DE ALGUMAS DIFICULDADES A GERIR

Do interessante texto da Dr^a Maria José La Fuente "As construções no recinto do Santuário de Nossa Senhora de Fátima" retiramos algumas citações que se seguem:

A IDEIA BASE DA PROPOSTA

"No terreno da Cova da Iria, que pertencia ao pai de Lúcia, havia azinheiras, oliveiras e carvalhos".

No Local da Aparição onde se construiu um arco em madeira com uma cruz e duas lanternas de lata "a azinheira que foi desaparecendo pois os peregrinos arrancavam-lhe pedaços para levar como recordação".

Por razões diversas do anti-clericalismo então existente a oliveira acabou por ser arrancada e a primeira capela dinamitada. Estava de certo modo iniciado um processo de contraditória necessidade de preservar os testemunhos em paralelo com a gestão de uma crescente manifestação dos movimentos peregrinos que convergiam ao local e, se num primeiro momento a aquisição de terrenos vem ainda associada à tentativa de arborização com oliveiras doadas a estratégia da vedação e conseqüente isolamento do recinto torna-se inevitável e vai conhecer vários desenvolvimentos até a configuração actual basicamente estabilizada com os sucessivos planos até ao de Conttinelli Telmo no período de Duarte Pacheco (1944) e à aplicação do Decreto-Lei de 1948 após a instituição autonomizante do Reitor do Santuário (1946) e às sucessivas intervenções de grande escala da J.A.E. (1949) em que "*foram feitas sucessivas terraplanagens, alargando-se o espaço, colmatando-se as colinas, apagando-se a topografia inicial*" com o corte da estrada distrital e seu desvio para o novo limite SW do Santuário.

Esta neutralização do território, como se disse transformado em tábua rasa delimitada pela cortina arbórea enquadra os edifícios e colunatas existentes de híbrida raiz tradicionalista e recorrente, muito na tradição das grandes intervenções urbanas do Estado Novo (da

Alta Coimbrã ao Parque Eduardo VII , à Alameda Afonso Henriques, etc).

É apesar de todas as conotações possíveis um elemento indiscutivelmente marcante, e de uma enorme tensão espacial em que o perímetro lateral arborizado ou construído ao delimitar e enquadrar a terra e o céu numa espécie de ritual que cortando com a periferia busca uma dimensão sacralizante assumindo-a na grande dimensão de uma espécie de nova geografia totalmente construída.

A IDEIA BASE DA PROPOSTA

O espaço num Santuário como o de Fátima onde se podem acolher instantaneamente multidões que chegam a valores superiores a meio milhão e que aí se reúnem em Assembleia de celebração mas que deve conter em simultâneo um espaço de adoração vincadamente individual e íntimo como o Lausperene e muitos outros intermédios que vão da evangelização a conciliação e aos serviços de apoio inerentes é de enormíssima complexidade.

É difícil numa situação de tão grande complexidade definir a ideia base da proposta sem se recorrer a argumentos que serão de algum modo redutores mas esse é o risco que assumimos em função da mensagem que gostávamos de classificar

A primeira dificuldade arquitectónica e central é como transferir a mensagem evangélica "onde estiverem dois ou três em meu nome eu estarei no meio deles" para duas ou três mil, para duas ou três dezenas de milhar ou ainda para duas ou três centenas de milhar ou mais.

A proposta que apresentamos começa por tentar responder a esta questão, garantindo, reforçando e melhorando a celebração no grande recinto ao ar livre, quer pela intervenção no novo Presbitério do Recinto da Oração (PRO) quer na ampliação e remodelação altimétrica e paisagística do recinto entre a actual Praça Pio XII e o Centro Pastoral Paulo VI.

A mesma preocupação central concentra-se na configuração dos GECA dando primeiro realce à sua dimensão celebrativa para quatro, seis ou dez mil participantes.

O objectivo é utilizar um conceito no projecto dos GECA que possa não só articular-se bem com o Santuário mas que reforce e melhore a sua actual situação.

Pelas razões que atrás invocamos, nomeadamente na leitura interpretativa que fazemos dos antecedentes optamos claramente por conceitos mais geográficos e paisagísticos do que objectuais no desenvolvimento do projecto. Deste modo à excepção na nova Capela do Lausperene que se singulariza, todo o restante projecto na sua enorme dimensão se resume a uma modelação de terreno, como uma escultura do solo que se intercrusa com elementos vegetais que desejaríamos retomassem um cariz local tão rico em espécies arbóreas e arbustivas.

A proposta persegue deste modo uma presença discreta, inversa da afirmação objectual que nos parece dispensável no recinto do Santuário.

Para esta solução contribui o semi-enterramento do GECA a uma cota próxima do do terreno original dado que a plataforma e a própria Praça são feitas em grande terraplanagem como consta dos documentos fornecidos.

Quando referimos conceitos geográficos (remodelar o terreno) e paisagísticos (refazer a paisagem gostaríamos de acrescentar que, em nosso entender, são conceitos básicos de uma nova urbanidade como o são também os critérios que utilizamos para a distribuição dos vários espaços do programa do grande átrio, as capelas de grupos, às Capelas da Reconciliação, aos espaços de acolhimento e apoio, à Capela do Lausperene até às próprias naves do GECA e respectivos acessos.

Decorre efectivamente desta opção também aqui uma aglutinação de espaços menos objectual e mais urbana, distribuída em torno de uma espécie de malha urbana percorível coberta ou em céu aberto que acaba ela própria por interligar estes espaços e constituir-se em átrios sucessivos numa grande fluidez de ligação entre a Capela das Aparições, o Santuário e a própria Basílica com o novo GECA e o Centro Pastoral Paulo VI.

VALORES URBANÍSTICOS

Gostaríamos que se tivesse em conta alguns dos elementos constantes do actual Plano de Urbanização e das Recomendações para ele produzidas em 87, nomeadamente:

a) expansão urbana e grande concentração de estacionamento a SW e do Centro Pastoral Paulo VI ;

b) criação da Zona de Reserva Natural em torno do Cabeço do Calvário Hungaro;

c) a sugestão de melhorar as condições de poluição visual e sonora nomeadamente no rebaixamento da Av. D. José Alves Correia da Silva.

Parece óbvio que o crescimento urbano actual estrangulou a grande acessibilidade primitiva em torno das traseiras da Basílica reforçando tendencialmente cada vez mais o acesso a partir de SW. Nesta perspectiva parece-nos mais favorável do ponto de vista urbano a localização proposta do GECA a SW do Santuário, ocupando a actual Praça Pio XII que é deslocada para o espaço entre o GECA e o Centro Pastoral Paulo VI. O rebaixamento desta Avenida permite criar um acesso de emergência ou de transporte de doentes directamente para o novo GECA. Num eventual desenvolvimento futuro do Projecto poder-se-à equacionar nesta cota um interface de ambos lados da Avenida para carga e descarga de passageiros do tipo " touch-and go" com passagem pedonal directa à nova praça ou de nível ao GECA e ao recinto do Santuário.

A focalização na nova Praça entre o Centro Paulo VI e o GECA reforça uma nova centralidade do átrio do Centro Paulo VI, abre uma nova porta ao Santuário e ao GECA ou ainda ao ponto de partida para o circuito periférico dos Valinhos.

CARACTERIZAÇÃO EXTERNA

O edifício do GECA surge no seguimento da actual plataforma do Santuário, prolongando a inclinação da actual praça Pio XII para depois encurvar e descer ligeiramente antes de desaguar na nova Praça através duma escadaria extremamente alongada e suave que poderá ser utilizada como grande balcão urbano sobre aquela praça.

Esta ondulação que chega a emergir do terreno entre 9 e 10 metros procura no ponto mais alto criar alguma visibilidade para fora do recinto, nomeadamente sobre o Cabeço de Valinhos e do Calvário Húngaro a Sul. Esta relação visual é importante como antecipação de orientação do circuito a estabelecer a partir da nova praça e integrado na visita aos outros locais das aparições.

RELAÇÃO COM O SANTUÁRIO E CENTRO PASTORAL - GECA

A implantação do átrio principal no centro do Recinto, ou seja, entre a Basílica e o Centro Paulo VI parece-nos otimizar a relação funcional do novo GECA com os restantes elementos do recinto e em particular com a Capelinha das Aparições conforme se pede no Programa de Concurso, sendo a sua localização praticamente equidistante do Centro Pastoral e da Capelinha.

A colocação semi-enterrada do GECA e a pré-disposição transversal e axial do átrio principal permite uma fácil e suave relação com os dois níveis principais do Santuário e do Centro Pastoral.

A planta em cruz desse mesmo átrio permite ainda a entrada processional com o andor da Nossa Senhora no GECA e desde a Capela quer pelo percurso central directo, quer em anel com entrada lateral a Norte e saída a Sul retomando o recinto do Santuário.

A mesma posição de epicentro aplica-se às capelas de grupo e de reconciliação e à capela do Lausperene embora esta beneficie dum certo isolamento e um enquadramento particular. A forma vertical desta capela procura a sua referenciação desde qualquer ponto do Santuário. Trata-se de uma construção revestida em mármore translúcido à semelhança das grandes janelas das igrejas mediavais. Este efeito durante a noite inverte-se passando a capela a ser visível do exterior pela ténue luz coada pelo mármore translúcido.

INTEGRAÇÃO AMBIENTAL E PAISAGÍSTICA

A clara tectónica do novo GECA procura a integração como se disse, menos objectual e mais paisagística. A sua grande escala e volumetria tira partido da facilidade de escavação num local de aterro, para reduzir a emergência de modo a não competir com a Basílica e respectiva arcaria nem com a polaridade da Capela das Aparições.

A modelação do solo que a cobertura ondulada e percorrível introduz recria uma sequência de aproximação desde a praça da entrada ao Santuário em que a ocultação e descoberta dos elementos

longínquos frontais ou laterais transmitem uma vivência de "preparação preambular" de ingresso no espaço sagrado do recinto ou do próprio GECA.

Esta integração ambiental procura claras referências de continuidade estruturante e morfológica simultaneamente com referências contemporâneas na expressividade dos espaços e no tratamento da luz ou ainda na definição dos elementos arquitectónicos que buscam uma figuração própria dum espaço sacralizante.

A dimensão paisagística do projecto é extensível ao tratamento e escolha dos elementos vegetais e à sua articulação com os inertes.

Assim o rebaixamento da Avenida permite o prolongamento das faixas arbóreas marginais bem como a sua densificação e aumento de espessura até à nova praça entre o GECA e o Centro Pastoral.

A existência de espécies arbóreas e arbustivas nativas junto ao Centro Pastoral permite assimilá-las e reforçá-las numa perspectiva de transição para o circuito de ligação ao Cabeço do Calvário Húngaro e sua reserva natural.

O objectivo é introduzir, já no tratamento das novas áreas ajardinadas laterais ao GECA e ir em coexistência com as árvores de folha perene existentes, outras espécies locais arbóreas, (azinheiras, oliveiras, carvalhos). Nas zonas em talude serão utilizados arbustos e sub-arbustos locais como alecrim, esteva, rosmaninho, murta e madresilvas procurando uma reambientação também aromática.

CIRCULAÇÕES EXTERIORES

Da praça de entrada alcança-se o recinto e o GECA por 3 percursos alternativos:

- o primeiro subindo a suave escadaria até atingir o topo, de onde se avista a torre e a parte superior da Basílica, e continuar numa rampa arqueada até ao cume da cobertura. Neste caminho vai-se gradualmente descobrindo a totalidade do recinto em visão mergulhante;

- o segundo é um percurso de nível, quer seja ao longo das áleas arborizadas laterais, quer recorrendo às plataformas laterais do GECA, numa espécie de canal óptico ladeado pelos taludes arborizados e pela suave ondulação da cobertura. Esta enquadra as grandes janelas altas em que a descoberta do complexo do Santuário se vai abrindo lateralmente até à panorâmica total;

- o terceiro percurso, mais isolado consiste na descida (imersão) nos jardins laterais arborizados com os taludes ajardinados até ao átrio transversal do GECA (Capela do Lausperene) e daí emergir pelas rampas até à grande amplitude panorâmica do Santuário.

VALORES ARQUITECTÓNICOS.

A preocupação central na caracterização arquitectónica do GECA consistia em encontrar um espaço capaz de criar um ambiente participativo na celebração litúrgica.

É uma situação complexa, cujo estudo nesta fase do Programa-Base não se considera esgotado, e em eventual prolongamento deverá ser aprofundado.

A flexibilidade pedida aumenta a complexidade e a polivalência é realmente preocupante, até porque nos parece um pouco hesitante a forma como está pedida no programa de concurso.

Desde logo houve a preocupação de conseguir o maior envolvimento espacial possível entre a assembleia e o presbitério nas duas condições de utilização, GECA 1 e GECA 3, e que esteve na origem da divisão do GECA 2 em duas unidades, e ainda na proposta de um espaço tripartido em que a nave central constituiria o GECA 1.

Independentemente da representação iconográfica cujo detalhe por enquanto não desenvolvemos foi nossa preocupação assimilar arquitectonicamente (espaço, luz, etc) o conceito de tripartição "convergente" na unidade, que advém da prevista dedicação do GECA à Santíssima Trindade.

FUNDAÇÕES E ESTRUTURA

A própria nave central busca uma espacialidade derivada da cruz latina, ou ainda de génese antropomórfica (o corpo) que reforça o maior envolvimento da assembleia quando a celebração se restringe ao GECA 1.

A recriação de um transepto alargado no GECA 1 permite encurtar o comprimento da nave central e intensificar a participação da assembleia mesmo em situações menos concorridas.

A divisão espacial entre o GECA 1 e 2 é feita por painéis rígidos deslizantes horizontais de grande dimensão mas de grande ligeireza dado que não se põe a necessidade de isolamento acústico dadas as condições de utilização previstas. A ligeireza é utilizada no entanto para o isolamento térmico entre os GECAS.

Decisivo é o tratamento da luz na caracterização deste espaço unitário e tripartido.

Se a condição semi-enterrada do GECA nos permite tirar partido de alguma expressividade hipogeica importante quer nos espaços preambulares quer (em menor intensidade) no grande espaço da celebração, ela deve ser trabalhada como meio privilegiado de recondução da luz natural.

No grande espaço dos GECA temos essencialmente 3 situações de luz natural.

A primeira consiste na criação de lanternins transversais a toda a largura da nave central cuja espessura luminosa avança em "crescendo" da nave ao presbitério onde atinge a maior concentração. É uma luz claramente zenital (que cai do céu) e que contrasta com a iluminação das naves laterais do GECA

A todo o comprimento destas naves laterais uma sequência de janelas, espessas e facetadas, pretende dirigir uma luz que "chega do céu" e que é conduzida de cima para baixo com alguma tangência envolvente da assembleia.

A terceira situação luminosa, que deverá ser mais trabalhada, consiste na criação de um pátio luminoso, uma espécie de caixa de penumbra em fundo envolvente do altar, de modo a permitir no interior de uma nave de secção dominante horizontal repôr "a abertura de comunicação com o céu".

FUNDAÇÕES E ESTRUTURA

A estrutura resistente do edifício é uma estrutura perfeitamente convencional de betão armado havendo apenas a salientar a cobertura da nave pelo seu grande vão e pela elevada sobrecarga de utilização considerada.

A cobertura é resolvida mediante a disposição de vigas de aço de alma cheia, de altura variável, atingindo os 4,5 m a meio vão, interligadas entre si por uma laje de betão armado com 0,20m de espessura funcionando conjuntamente com as vigas. O vão das vigas é de 92,5 m ficando afastadas entre si de 4,5 m.

No seu dimensionamento previu-se para revestimento da laje e tecto falso uma carga de 2 kN/m² e para a sobrecarga 6 kN/m², correspondente a uma elevadíssima concentração de pessoas. Além da resistência que a estrutura deve apresentar para satisfazer os

critérios de segurança regulamentar, houve a preocupação de limitar as deformações máximas sendo de referir que a flecha para a combinação frequente de acções não chega aos 5 cm, valor este que corresponde a uma relação flecha/vão de 1/1850. Trata-se de uma flecha muito reduzida compatível com o equipamento que é previsto instalar.

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS, LUMINOTECNIA, COMUNICAÇÕES E SEGURANÇA

Energia: Prevê-se que o complexo seja alimentado através dum Posto de Seccionamento e Transformação de 30 Kv integrado na rede de média tensão existente no Santuário. Com origem neste será alimentado o quadro geral de baixa tensão (QGBT), que será socorrido parcialmente por um gerador diesel eléctrico de emergência.

A partir do QGBT serão alimentados os quadros eléctricos parciais que alimentarão as instalações de utilização referentes aos locais onde se encontram instalados.

Prevê-se a instalação de um sistema de gestão técnica centralizada que comandará e/ou sinalizará as instalações de AVAC, Electricidade, Segurança e de Águas e Esgotos.

Luminotecnia: Tratando-se de área de actividades religiosas, a ambiência de luz terá de ser muito controlada e harmoniosa. Por um lado é necessário criar condições de boa leitura com níveis baixos, recorrendo a luz dirigida, sem produção de deslumbramentos, que favoreça a atmosfera própria do culto, por outro, por se tratar de um espaço de grandes dimensões que acolherá elevado número de pessoas, haverá que fazer sentir o espaço envolvente, criando condições de bem estar e de conforto visual, num ambiente calmo que induza ao usufruto do espaço.

Haverá portanto que conciliar níveis de iluminação horizontal com luminâncias das superfícies verticais, sejam as paredes envolventes, sejam os elementos religiosos do altar ou mesmo as entradas de luz natural que, na sua ausência, terão que ser simuladas com a artificial.

A relatividade das luminâncias no campo visual será determinante para a criação da ambiência adequada. Em destaque ficará o altar.

O tratamento de luz natural e artificial e das luminâncias que irão produzir, assume-se como um dos elementos fundamentais do projecto.

As fontes luminosas a utilizar, para além de terem as temperaturas de cor adequadas aos níveis de iluminação, à decoração e tratamento arquitectónico de cada espaço, serão de elevada eficácia e de longa vida útil, para que se optimizem os custos de exploração e de manutenção.

Os comandos de iluminação serão projectados para atender às diversas situações de funcionamento dos espaços, diurnos ou nocturnos e, onde for caso disso, às exigências de transmissão televisiva.

Comunicações: No capítulo das comunicações prevê-se a montagem de uma rede telefónica e de um sistema de difusão sonora.

Instalações de segurança: A segurança contra os riscos de incêndios é uma actividade cada vez mais regulamentada. Contudo, a legislação portuguesa não contempla nenhuma referência aos locais de culto pelo que as medidas a implementar terão que ser aplicadas à semelhança de outros regulamentos, por exemplo o Regulamento de Segurança contra Incêndios para os Edifícios de Habitação (D.L. 64/90) e o dos Recintos de Espectáculos (D.R. 34/95). Complementarmente, haverá recurso a outros normativos tais como as Regras Técnicas das Seguradoras (I.S.P.), as notas técnicas dos Bombeiros (R.S.B.), da N.F.P.A. (Americano), do F.O.C. (Inglesa), etc.

Os objectivos serão:

- compartimentar os locais de risco acrescido garantido os necessários e alternativos caminhos de evacuação, simultaneamente com os pontos de penetração para as forças exteriores;

- proporcionar meios locais de intervenção (extintores, bocas de incêndio, etc.);

- dotar toda a construção coberta de sistema automático de detecção de incêndios.

A segurança contra criminalidade será baseada em CCTV, circuito fechado de televisão, para dissuadir e visionar acessos, pontos de concentração de público, etc.

A integração e conjugação destes múltiplos sistemas implicará, a escolha de um local de gestão, dito sala de segurança, para instalação dos equipamentos centrais, vigilância em permanência, lançamento de operações de socorro, etc.

ACÚSTICA

Um grande espaço com as características do GECA3, com uma capacidade global para 10 000 pessoas, e assumindo uma utilização como templo cristão, conduz a um valor de projecto do tempo de reverberação óptimo, a 500 Hz, de cerca 2,2 seg.

Este grande espaço é passível de se subdividir em outras unidades mais pequenas, formando o designado GECA1, partilhando o mesmo eixo do santuário com o GECA3, e duas unidades laterais adjacentes ao GECA1, simétricas em relação ao referido eixo, que constituem o GECA2.

O GECA1, com uma capacidade de 4 000 pessoas, assume a mesma utilização de tempo cristão, o que nos conduz a um valor de projecto do tempo de reverberação óptimo, a 500 Hz, de cerca de 2,1 seg.

Cada unidade do GECA2 tem uma capacidade para 3 000 pessoas, assume a mesma utilização, conduzindo a um valor de projecto do tempo de reverberação óptimo a 500 Hz, de cerca de 1,9 seg.

O condicionamento acústico de um qualquer recinto fechado, como os em estudo, é conseguido à custa de uma solução global onde as questões da geometria dos espaços, dos aspectos arquitectónicos, e da natureza dos materiais dos revestimentos das suas superfícies, desempenham um papel determinante constituindo uma solução "una". Assim, todas as superfícies internas desempenham um papel preponderante na acústica da nave – sejam essas superfícies reflectoras ou absorventes acústicas.

O tratamento para o condicionamento acústico dos espaços recorrerá, então, ao jogo criterioso dos revestimentos das diversas superfícies, tecto, paredes e chão, por forma a formatar a acústica dos recintos para as funções a que se detinam. Os tectos dos

espaços serão utilizados para otimizar a distribuição acústica no interior dos espaços; as paredes poderão vir a ser formatadas para desempenhar as mesmas funções, jogando criteriosamente, com a reflexão e com a absorção acústica.

Assim, a geometria e a arquitectura interna será elaborada por forma a otimizar as condições da "acústica passiva" dos diversos espaços, em particular, dos GECA's.

Serão tomados todos os cuidados para evitar o estabelecimento de ondas estacionárias, em particular nos espaços de maior dimensões. Todos os outros espaços com exigências acústicas particulares, serão devidamente analisados e tratados, quer se refira às questões de *condicionamento* como de *isolamento acústico*.

CONFORTO TÉRMICO (AVAC)

As condições exteriores de projecto serão as do RCCTE e RSECE (Ourém-I2/V2): 0°C/32°C. As condições interiores no Verão serão 25°C/50%, excepto no GECA 1, em que se aceitarão condições menos exigentes: temperatura inferior em 6°C à exterior (ou seja, 26°C para as condições de projecto). No Inverno será $T = 18^{\circ}\text{C}$ numa perspectiva de economia de consumo. A renovação do ar nos espaços climatizados será o maior que 1,5 l/s.m² ou 8 l/s. ocupante.

Como a ocupação nos GECA 1 e 2 varia muito não é conveniente fixar um valor constante de caudal de ar novo baseado na ocupação máxima, que conduziria a enorme desperdício de energia em fases de baixa ocupação. O sistema terá detectores de qualidade do ar, regulando automaticamente a taxa de ar novo em função dos dados dos sensores, sujeito ao mínimo de 1,5 l/s.m².

A climatização usará como fluidos térmicos água quente e fria produzida na Central Térmica. A caldeira terá queima de gás natural (ou propano se não estiver disponível no local gás natural). Haverá um circuito primário, em que a água é recirculada, e vários circuitos secundários abastecendo as diferentes zonas do edifício (para que possam funcionar autonomamente). Um depósito de inércia no circuito primário aumentará a eficiência energética do sistema.

Produção centralizada de água fria em "Chillers" com R134a. Admite-se a utilização de bancos de gelo, dependendo de análise económica a realizar em fase posterior de projecto, comparando os custos de investimento e de exploração, com e sem bancos de gelo, com base num perfil de ocupação num ano de cálculo.

A solução de arrefecimento prevista para o o GECA 1 é do tipo "displacement": o ar, tratado nas UTA's, é insuflado através de difusores no pavimento, com baixo momento, criando um lençol de ar tratado junto ao pavimento, onde se encontram as pessoas, o qual sofre um lento deslocamento ascensional, absorvendo as cargas locais na zona ocupada, e continuando depois a subir de temperatura à medida que se eleva, removendo as restantes cargas térmicas da zona não ocupada (ex. iluminação), sem as deixar entrar no espaço útil. Esse ar é recolhido em aberturas a nível alto, voltando às UTA's. Este sistema envolve grande economia energética pois só mantém a temperatura da zona ocupada. As UTA's terão "free cooling", usando ar exterior para arrefecimento quando a sua entalpia é inferior à do espaço interior. A quantidade de ar novo admitida é controlada por sensor de qualidade do ar. O sistema de climatização fica integrado na Gestão centralizada.

No GECA 2 haverá simples ventilação, com entrada de ar a nível baixo e exaustão a nível alto, podendo inclusivamente usar-se um sistema idêntico ao do GECA 1, sem incluir arrefecimento/aquecimento mas preparado para o receber no futuro. A solução de arquitectura permite tirar partido de ventilação natural no funcionamento como GECA 3. Os restantes espaços (Paramentaria e Sacristia do Presbitério) serão tratados como sistemas semelhantes mas sempre independentes; nos pequenos espaços usar-se-ão soluções convencionais com ventiloconvectores ar primário.

A potência total prevista é a seguinte: arrefecimento 1 200 kW; aquecimento 800 kW"

Arq. Gonçalo Byrne,
in Memória Descritiva do concurso
Santuário de Fátima – Grande Espaço Coberto Para Assembleias

"O processo da procura artística, na sua relação com a unidade fechada de uma obra de arte, só é comparável a um vaguear numa floresta, quando lá procuramos cogumelos que, há muito, encontrámos e recolhemos no nosso cesto. Mas apenas o cesto cheio significa a obra de arte: o conteúdo do cesto é o resultado real e inequívoco. O "vaguear na floresta" permanece, pelo contrário, o assunto pessoal de um apaixonado por passeios ao ar livre."

Andrej Tarkowsky, *in* Die versiegelte zeit

Esta parece-me ser, embora uma parte essencial do relatório, também a mais ingrata, pois é onde descreverei o difícil caminho percorrido, ou o 'vaguear na floresta', até finalmente, o encontro da proposta apresentada.

Desde início que a opção primeira a tomar, a da escolha do local de implantação, foi consensual. Das duas alternativas apresentadas (Praça Pio XII ou traseiras da Basilica), era suficientemente evidente que o GECA teria de se situar na primeira, porque só assim permitia um ordenamento do território, que respondesse ao programa pedido da forma pragmática que tanto era desejada.

Também de início se percebeu que a resposta procurada se auto definia como um grande gesto territorial, levando à execução de maquetas, também elas com objectivos territoriais. Mesmo antes do terminar destas, já era um dado adquirido, que o GECA com a sua brutal área de ocupação, podia e por consequência, devia ampliar a área de visibilidade do Recinto, para o seu Presbitério. Daqui se retirou, que a construção não podia ser sobre o solo, implicando então a total distância a uma resposta de carácter *objectual*. Além disto não se pretendeu em algum momento, entrar em confronto com a actual Basilica, ou seu afins.

Tomadas, quer as opções de implantação, quer de presença na mesma, pode-se partir então para o ensaio do que eram 10 000 pessoas sentadas, com todas as suas implicações, tanto de entrada como de saída, no que diz respeito a áreas, segurança e sua possível disposição. No programa, era notório a forte inclinação para uma solução *alongada* (GECA 2 a abrir nas costas do GECA 1), única possível para a disposição em duas salas. A ideia não foi muito bem aceite, pois implicaria ou uma solução em semi-círculo, ou caso fosse

rectangular, demasiado comprida e por tal, deficiente em condições visuais. Desde cedo, o Arq. Gonçalo Byrne, mostrava as vantagens do espaço tripartido, por uma configuração quadrada, mais próxima do que se pretendia pela largura do Recinto, como por um melhor sentimento de assembleia que ganharia a própria sala. Foram feitos inúmeros ensaios da então disposição do espaço tripartido, em que o GECA 1, tomou a disposição quer em forma de cruz latina, quer em forma de rectângulo. Optou-se pela primeira, pelas razões apresentadas na memória descritiva. O GECA 2, encosta-se, dividido em duas partes iguais, de cada um dos lados da nave principal do GECA 1, completando assim, juntamente com os braços deste último, a forma quadrada tão desejada.

A secção em corte acompanhou sempre as respectivas plantas, por ser a peça que determinaria a posição exacta, quer do GECA, quer dos restantes outros espaços, quer ainda de cada um dos pés direitos de cada um deles. Os numerosos cortes longitudinais executados puderam então definir o já atrás referido, e coordenar com o actual declive do Santuário, o novo prolongamento deste, sem nunca ultrapassar os limites do razoável e necessário.

Quanto aos outros espaços pedidos, e pela sua natureza de menores dimensões, foi sempre possível coordená-los, ora à frente, ora atrás do GECA. Nem sempre foi evidente, a colocação dos serviços no centro do Recinto, mas por inúmeras razões, especialmente a nível de funcionamento do próprio recinto, tomou-se como a melhor opção. A organização destes, conforme a memória descritiva o tão bem refere e explica, foi conseguida após inúmeros apuramentos do Desenho, conseguindo, assim uma clareza quer de programa quer espacial, de acordo com a importância de cada um deles. O acompanhamento por parte de maquetas a escalas diversas (1/200, 1/100 e 1/50), facilitou tomadas de opções e direcções a tomar.

APRESENTAÇÃO

Visto tratar-se de um concurso, era imprescindível um minucioso cuidado na apresentação, quer das ideias quer do próprio projecto. As peças a apresentar, tal como o formato da base, eram pré definidos, o que inevitavelmente condicionou algumas opções. No entanto a solução proposta, com o seu carácter territorial e tectónico, inclinava-nos para uma representação, também ela com essas características.

Assim todas as peças desenhadas, implantavam a construção no território, atribuindo-lhe, isto nas escalas maiores, a mesma representação – quer o construído, quer a sua base territorial. Daqui resultava uma leitura mais natural e verdadeira do que se pretendia apresentar. A utilização de elementos de escala, como cadeiras, pessoas, altares, orgão, etc, transportá-los para dentro do desenho, sempre de uma maneira rigorosa e disciplinar, própria deste.

A introdução da axonometria cortada, é responsável pela comunicação imediata do projecto, permitindo mais que a maquete final, transportar-nos para dentro deste. A sua riqueza existe na facilidade com que nos apresenta o projecto, tanto como acção territorial, quer como funcionamento interno.

Foi ainda executada uma maquete de apresentação, com dimensões consideráveis, que permite a visualização do Recinto Santuário, no seu aspecto futuro, de uma maneira mais universal, permitindo assim mais facilmente uma rápida imagem do que constitui o projecto.

Em anexo apresento alguns dos painéis finais, tal como seguiram, mas num formato mais adequado a uma mais fácil leitura.

INTRODUÇÃO

A minha entrada no projecto de execução veio a coincidir com a reabilitação do Projecto Base. Tendo este ficado congelado por algum tempo, e por se concordar que o seu desenho para além de cumprir não alcançava qualquer actual desejo ou pedido dos intervenientes do actual equivo, resolveu-se refazer (tanto quanto possível) o projecto. Assim o ponto de partida, continuava a ser o que de mais forte se encontrámos, tal como a grande escadaria exterior e a sala principal, protegida por uma torre.

Encarou-se o projecto como a possibilidade de explorar algumas situações e temas que como já disse antes, alcançassem qualquer actual desejo ou pedido dos actuals intervenientes. Assim, e como desejámos a continuação, quisemos aprender com temas como Rigor, Clarezza e Prognatismo.

LOCALIZAÇÃO E IMPLANTAÇÃO

O Edifício na Região da Universidade Nova de Lisboa (actualmente no Largo do Príncipe Real), situa-se à nos terrenos anexos ao antigo Colégio dos Jesuítas, edifício este, já pertencente à própria universidade (Faculdade de Economia).

O novo edifício encontra-se ao lado SW do alinhamento do Lote N.º 1 do antigo Colégio dos Jesuítas, definindo um rectângulo de intervenção de 78x12m. É rodeado por uma loja de garagens e secretariado e uma praça, de carácter urbano, que esconde um auditorio e os seus respectivos apoios. A construção adota de modo como um círculo de pedra, vencedor pela sua morfologia o desnível do terreno. É pensado para a NE-Luz e a RW por uma rampa que o isole do restante campo.

EDIFÍCIO

Plano - 2 - Garagens (edif. 69-475)

Neste plano, unicamente de estacionamento e algumas áreas técnicas, resolve-se metade do estacionamento exigido, com saída independente para o Campo.

Plano - 1 (edif. 69-475)

Garagens

Programando, igual à plan interior, quer no número de lugares, quer na própria saída também era independente, acrescenta apenas o lugar para deficientes motoristas.

INTRODUÇÃO

A minha entrada no projecto de execução, veio a coincidir com a reestruturação do Projecto Base. Tendo este ficado *congelado* por algum tempo, e por se concluir que o seu desenho para além de datado, não acariciava qualquer actual desejo ou paixão dos intervenientes da actual equipa, resolveu-se refazer tanto quanto possível o projecto. Assim o ponto de partida, continuava a ser o que de mais forte lhe encontrámos, tal como a grande escadaria exterior e a sua praça, protegida por uma torre.

Encarou-se o projecto como a possibilidade de explorar algumas situações e temas que como já disse atrás, acariciassem qualquer actual desejo ou paixão dos actuais intervenientes. Assim, e como chegámos a consenso, quizemos aprender com temas como Rigor, Clareza e Pragmatismo.

LOCALIZAÇÃO E IMPLANTAÇÃO

O Edifício da Reitoria da Universidade Nova de Lisboa (actualmente no Largo do Principe Real), situar-se-á nos terrenos dianteiros ao antigo Colégio dos Jesuitas, edificio este, já pertencente à própria Universidade (Faculdade de Economia).

O novo edificio encosta-se ao lado SW do alinhamento do topo NE do antigo Colégio dos Jesuitas, definindo um rectângulo de intervenção de 78X62m. É constituído por uma torre de gabinetes e secretariados e uma praça, de carácter urbano, que esconde um auditório e os seus respectivos apoios. A construção emerge do solo, como um cristal de pedra, vencendo pela sua morfologia o desnível do terreno. É ladeado, quer a NE quer a SW, por uma rampa, que o isola do restante campo.

EDIFÍCIO

Piso -2 - Garagem (cota 89.475)

Neste piso, unicamente de estacionamento e algumas áreas técnicas, resolve-se metade do estacionamento exigido, com saída independente para o Campus.

Piso -1 (cota 92.10)

Garagem

Praticamente igual a piso anterior, quer no número de lugares, quer na própria saída também ela independente, acrescenta apenas o lugar para deficientes motores e suas respectivas evacuações, bem

como o lugar do Reitor, também ele completamente independente de um qualquer outro circuito.

Nota que ambos os dois pisos de estacionamento, não se situam por baixo da reitoria, mas encostam-se, logicamente enterradas, ao seu lado NW.

Reitoria

Sendo o piso mais baixo do edifício da reitoria (imageticamente), está à cota do palco do auditório, assim como o seu átrio adjacente, que o prolonga. Neste átrio, com saída por uma rampa nobre para o Piso 0, encontram-se ainda os camarins e suas dependências, que pela sua localização, oferecem um circuito, bastante simples e organizado.

Este piso resolve ainda algum estacionamento, bem como os lugares de cargas e descargas, integrando os armazéns gerais e os quartos das instalações. É também o piso das instalações do pessoal da manutenção.

Reitoria

Este é o piso do nobre Átrio Principal, que serve tanto o Auditório(s), como a Sala de Reuniões. Este Átrio, de generosas dimensões e largueza, é povoado pelos inúmeros serviços, necessários ao seu funcionamento (Recepção, Bar, Apoio de Congressos, Arrumos, Sala de Quadros Eléctricos) e acessos a igual número de serviços situados quer no Piso -1, quer no Piso 1. O enorme espaço é iluminado por também enormes lanternis, que dependem directamente dos atrás referidos acessos.

Quanto ao Auditório(s), este é constituído por por dois que se olham frente a frente, e que se dividem ou não, formando o singular ou plural, por enormes paineis de sete metros de altura, arrumáveis nas suas paredes laterais. A Sala de Reuniões/Plenário, é uma sala de acessos resguardados, tal como a própria sala o pede pelo seu carácter confidencial, e o seu tecto filtra a descontrolada luz natural zenital, por um desenho recortado.

É também o piso do Átrio da Reitoria, que pode funcionar com expansão do Átrio Principal, através da abertura de portas. Com esta divisão pretende-se apenas um melhor controlo do funcionamento do Átrio da Reitoria, pois quanto ao outro, julga-se ser conveniente, o funcionamento apenas em conjunto. Especificando melhor este Átrio,

Piso 0 (cota 95.10)

este contém, para além de alguns serviços simétricos ao do Principal, a morfologia da *barra* técnica que deixa adivinhar o funcionamento da Torre. No fundo do enorme Átrio, um estreito pátio, ilumina e dá escala. É também o primeiro piso público da Torre e visto se situarem no piso de cima esses ditos serviços, este Átrio, contém ainda uma grande escada que o liga ao primeiro. Quanto à *barra* técnica que falei atrás, constitui-se por elevadores, hall respectivo, coretes, escadas de emergência com respectivo hall, arrumos, wc e salas de espera.

Nesta cota arranca também a grande escadaria exterior que dá acesso a enorme praça da reitoria. É nesta escadaria, que se escavam as entradas para o Átrio Principal.

Reitoria

O piso dos serviços sociais, secretarias, gabinetes administrativos e outros liga-se ao exterior por um corredor recortado lateralmente e que desemboca numa *falha* da Praça da Reitoria. Nesta parte do edifício é já evidente o organizado desenho de distribuição dos espaços da Torre. A grande escada que vem do piso imediatamente inferior, liga-se então a este por uma grelhagem 'invisível'. Por cima dela o grande vazio adivinha-se.

Directamente por baixo da grande Praça da Reitoria encontra-se áreas técnicas e generosos tectos falsos. Na zona do auditório situam-se as cabines de tradução e os seus respectivos espaços de respiro.

A grande escadaria exterior revela-se na sua escala monumental.

Piso 2 (cota 103.50), Piso 3 (cota 107.00), Piso 4 (cota 110.50), Piso 5 (cota 114.00) e Piso 6 (cota 117.50)

Reitoria (torre)

A Torre do edifício da Reitoria resolve toda uma série de gabinetes e salas de reuniões/apoio de uma maneira pragmática e organizada. Encarou-se esta parte do programa, como um banal edifício de escritórios, e respondeu-se de uma forma regrada, que permitisse flexibilidade, principalmente a nível espacial/estrutural. A forma alongada ajudou à distribuição, dividindo-se então o edifício em três *barras* no seu maior comprimento. A Norte, dependente da cega fachada, encosta-se a *barra* técnica já atrás referida, com o complemento de uma sala de espera por piso, de planta desencontrada e iluminação zenital. No meio o corredor de serviço de

todas as funções do piso. A Sul, encostam-se as salas e gabinetes, com uma regra que admite excepções, tal como a sua respectiva fenestração.

Nos topos a fachada cortina goza do rigor da caixilharia de ferro, liberta o corredor e deixa observar salas e elevador.

Reitoria (torre)

Sendo um dos piso da cobertura, contém toda a maquinaria que aí pertence, escondendo-a por um fechar da pele que vem de baixo.

Neste piso revela-se também o início das salas de espera, que cá em cima, se alinham todas para receber a luz do sol.

Reitoria (torre)

Fecha-se o rectângulo, assim maior que o que está por baixo e abre-se outro menor, que deixa respirar toda a maquinaria.

O Edifício da Reitoria apresenta uma pequena gama de materiais mas que são usados com bastante intensidade, tirando partida das qualidades do material. Assim o uso da pedra é exaustivo no revestimento exterior, acrescentando massa e solidez à própria imagem do edifício. O desenho das estereotomias foi extremamente cuidado, quer interiormente, quer exteriormente. Nesta última a pedra resume-se a zonas de serviço no pavimento e algumas paredes/lambris. Também o uso da madeira pretende ser muito forte, quando se usa o soalho de madeira em todo o pavimento dos átrios. Nos pisos que constituem a torre, mantém-se a regra da pedra e quanto aos soalhos, esses são substituídos por parquet ao cutelo, permitindo para os gabinetes e corredor uma solução mais económica. As paredes pretendem-se brancas e nada substitui a dureza e conforto do reboco pintado. Na torre o corredor tem um lambril até ao tecto, do lado das entradas para os gabinetes, conferindo assim uma continuidade e unidade.

Todas as fenestrações exteriores têm caixilharia em aço, permitindo para além do vencer os enormes vãos, conferir rigor e delicadeza ao pormenor.

Os tectos ora são em gesso, ora rebocados conforme a situação necessite ou não.

PEÇAS DESENHADAS

Desenho Garaj (escala 1/100)

Piso 7 (cota 121.15)

Cobertura (cota 124.00)

MATERIAIS

Construtivos (esc. 1/50 - 2/10)

PEÇAS DESENHADAS

(Neste ponto apresento uma descrição dos desenhos executados, com a sua respectiva leitura/pormenorização).

Mapas (escalas 1/20 e 1/2)

Desenhos Gerais (escala 1/100)

Do processo constam todos os elementos desenhados e escritos, necessários a uma boa compreensão por parte, especialmente do construtor. Assim utilizam-se normas e regras próprias para a elaboração de projectos.

Nos desenhos gerais, constam as plantas, cortes e alçados. Nestes, a informação transporta-nos para a visualização geral do edifício, oferecendo-nos a relação entre os espaços, estrutura do edifício, panos de alvenaria, abertura e identificação de vãos, identificação dos espaços, bem como a sua cotagem e cotas de soleira.

Código de Eixos

Nas plantas são marcados a tracejado, os lanternins e passadeiras superiores, bem como desníveis do tecto. As estereotomias de materiais como a pedra, são sempre assinaladas, bem como é feito um apontamento do que serão as caixilharias. Nos cortes a informação sofre pelo mesmo, tendo apenas a acrescentar um primeiro esboço do que serão as guardas. Nos alçados e visto tratar-se de um edifício em pedra, continuou-se a insistir na importância das estereotomias, levando mesmo ao limite de a própria janela também lhe pertencer. Assumiu-se o carácter cénico que os alçados adivinhavam, e conferiu-se-lhes um tratamento de superfície, em que as ditas fenestraçãoes aparecem como uma mudança de material num pano estereotomado.

APRESENTAÇÃO

Desenhos Construtivos (esc. 1/50, 1/10)

Estes desenhos pretendem através de cortes fundamentais (quer em situação de corte ou planta) nos desenhos gerais, fornecer uma primeira identificação geral de pormenores. Pela sua ainda grande escala podemos, embora de uma maneira seccionada, perceber a relação de pormenores. Por permitir já um primeiro esboço do pormenor, vem com as devidas marcações dos pormenores a serem realmente tratados a uma escala menor (escala 1/10).

Estes primeiros desenhos, são então complementados com o conjunto de uma criteriosa selecção de outros, que permitem, agora a uma escala maior, 1/10, entender com enorme facilidade a resolução desses nós. Nestes constam quer o material quer o seu movimento/ligação com o que lhe é adjacente.

Mapas (escalas 1/20 e 1/2)

Estes desenhos informam de uma maneira facilitada, pois reneem todo o mesmo género, a pormenorização referente a determinados espaços (mapa de escadas, rampas e guardas, mapa de halls, mapa de casas de banho, mapa de lambris, mapa de balcões, mapa de armários, mapa de grelhas, mapa de vãos e mapa de elementos). Representam apenas o espaço em questão, introduzindo-lhe primeiro a uma escala maior a informação geral, possibilitando assim a compreensão das ligações, para depois, a uma escala menor, completar e atribuir rigor.

É a única peça escrita de todo o processo, que completa a descrição dos desenhos, introduzindo ainda todo o tipo de informações referentes aos materiais e suas qualidades e especificações. Como as peças desenhadas e de igual rigor e precisão, defende de uma maneira um tanto burocrática, a qualidade da construção.

A apresentação referente a um projecto de execução, surge-me agora de uma maneira completamente diferente à utilizada no Concurso da primeira parte do estágio. O grau de liberdade é extremamente mais reduzido, visto ter de se utilizar tanto quanto possível, as normas e regras para a representação em arquitectura. Assim quer o formato normalizado das folhas e legendas, quer representações de cortes, ou mesmo as espessuras das canetas a utilizar, estão à partida encaixadas dentro de determinados limites, correndo o risco de só assim serem bem interpretadas. A margem de inovação cresce tanto mais possibilite uma leitura rápida e pouco minuciosa, o que leva a por exemplo utilizar algum número de tramas de enchimento (hatch, em linguagem de desenho assistido por computador), conferindo assim um entender rápido por manchas, que são sempre devidamente legendadas.

Caderno de Encargos

APRESENTAÇÃO

CONCLUSÃO

O meu estágio no Laboratório de Física da Universidade de Coimbra, veio dar continuidade a um percurso académico que já me vem sendo muito útil. Não sendo possível dedicar-me ao estudo de forma exclusiva, devido às exigências da actividade profissional, penso ter realizado o necessário na exploração de conceitos e técnicas já por mim aprendidas. Dito isto, talvez de uma maneira demasiado simplista, pois ainda existem algumas dificuldades a serem resolvidas em futuras pesquisas (Especialidades) que compõem toda a equipa do projecto. A necessidade de conhecer todas as opções com determinadas especialidades, tornou-se neste estágio um pouco complexa. Apesar das reuniões com especialistas, entendi pouco o processo, mas gostaria de participar. Quanto a isto, penso-me muito grato, pois só devido ao meu conhecimento e ao meu tempo e experiência, poderia responder às questões levantadas com menor dificuldade.

O facto de ter sido possível estabelecer contacto com os especialistas, tornou-se por consequência, uma maior e mais exacta participação no que se fez no âmbito familiar e nível de cursos realizados no país não apenas, e que decorram em simultâneo, como por exemplo na execução de medidas de trabalho que chegaram a atingir resultados consideráveis. Aqui foram experimentadas e testadas todas as condições até ao aparecimento final. A persistência tal como a convicção de que com ela encontramos o objecto de estudo sempre presente nos estudos, tornou-se por vezes a caminho de resultados e bem lá. As dificuldades tal como a necessidade de obter e fazer o mais difícil de todo este trabalho não foram grandes.

É de salientar a enorme oportunidade conferida pelo Concurso Para o Grande Espaço Científico Para Alunos - GICA, sendo mais quando surge como primeiro trabalho, não me tendo dado tempo para uma perfeita habitação e para uma grande máquina, e tratando assim e ainda bem, alguma especialidade própria dos trabalhos académicos.

CONCLUSÃO

O meu estágio no atelier Aires Mateus e Associados, veio dar continuidade a um percurso académico hoje mais evidente ainda. Na saída da etapa académica e do iniciar da realidade profissional do arquitecto, penso ter insistido o necessário na exploração de desejos e paixões já por mim atrás encontrados. Sinto que talvez de uma maneira descontrolada, pois tenho ainda alguma dificuldade a lidar com as inúmeras partes (Especialidades) que compõem toda equipa de projecto. A necessidade de confrontar todas as opções com determinadas especialidades, foi-me neste estágio um pouco poupada. Assisti às reuniões das especialidades, entendi todo o processo, tirei dúvidas, mas não participei. Quanto a isto, parece-me nada grave, pois só depois de uma boa compreensão, que exige tempo e experiência, poderei responder às questões levantadas com menor dificuldade.

O facto de ter tido pouca comunicação com as especialidades, trouxe-me por consequência, uma maior e mais exaustiva participação no que se fez no atelier (também a nível de outros trabalhos nos quais não participei, e que decorreram em simultâneo), como por exemplo na execução de maquetas de trabalho que chegaram a atingir tamanhos consideráveis. Aqui foram experimentados e testados todo um número de soluções, até ao apuramento final. A persistência tal como a convicção de que com ela encontraríamos o objecto de paixão, sempre presente mas invisível, levou-nos por vezes a caminhos enganadores e sem fim. As indecisões tal como a necessidade de optar é talvez o mais difícil, de todo este enrolado mas delicioso processo.

É de salientar a enorme oportunidade conferida pelo Concurso Para o Grande Espaço Coberto Para Assembleias- GECA , tanto mais quando surge como primeiro trabalho, não me tendo dado tempo para uma perfeita habituação a toda esta grande máquina, e trazendo assim, e ainda bem, alguma ingenuidade própria dos exercícios académicos.

BIBLIOGRAFIA

BARANANO, Rosme Mary de - *Christo-Herzegovin-Huzar*, El Concepto de Espacio en la Frontera y la Piedad del Siglo XX, Universidad del País Vasco, 1997

BARANANO, Rosme Mary de - *Crédito - Espaço Humano*, Departamento de Cultura del Gobierno Vasco, 1991

BARANANO, Rosme Mary de - *Montana-Tindaya - Elyvedo*, Crónica, Gobierno de Canarias, 1996

UGARTE, Luro - *Definir Justiça e segurança*, Eron, 1993

ZUMTHOR, Peter - *Peter Zumthor Works, Buildings and Projects 1979-1997*, Lars Müller Publishers, 1998

ZUMTHOR, Peter - *Thinking Architecture*, Lars Müller Publishers, 1998

representa como apenas alguns dos livros que acompanharam de perto (mais ou menos) este e trabalho realizado (chamada grupo de trabalho), com a certeza pela compreensão do impossível trabalho de recolha de todos os livros consultados, quer de periódicos, quer de de monografias, que compõem a extensa e generosa biblioteca do autor.

BIBLIOGRAFIA

BARANANO, Kosme Maria de - *Chillida-Heidegger-Husserl, El Concepto de Espacio en la Filosofía y la Plástica del Siglo XX*, Universidad del País Vasco, 1990

BARANANO, Kosme Maria de - *Chillida – Escala Humana*, Departamento de Cultura del Gobierno Vasco, 1991

BARANANO, Kosme Maria de - *Montana Tindaya – Eduardo Chillida*, Gobierno de Canarias, 1996

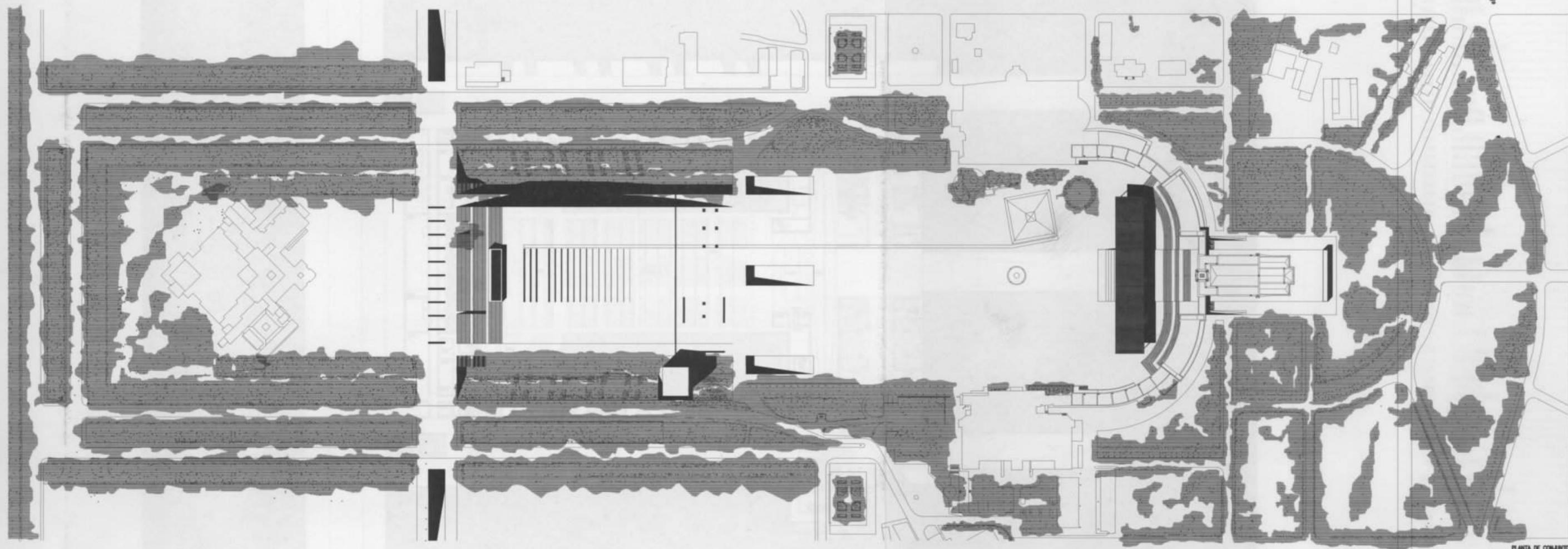
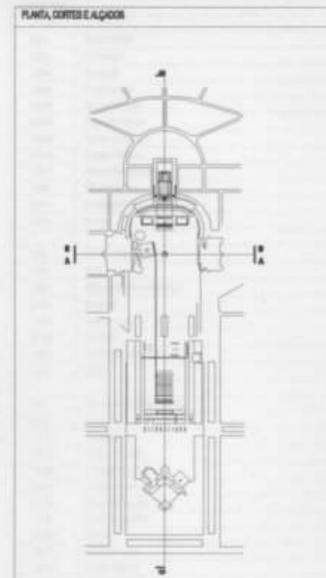
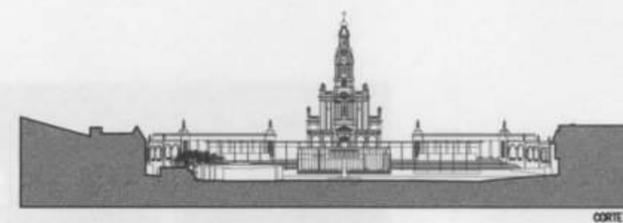
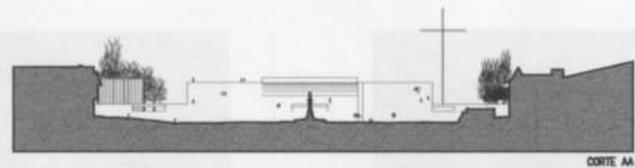
UGARTE, Luxio – *Chillida: dudas e preguntas*, Erein, 1993

ZUMTHOR, Peter – *Peter Zumthor Works, Buildings and Projects 1979-1997*, Lars Muller Publishers, 1998

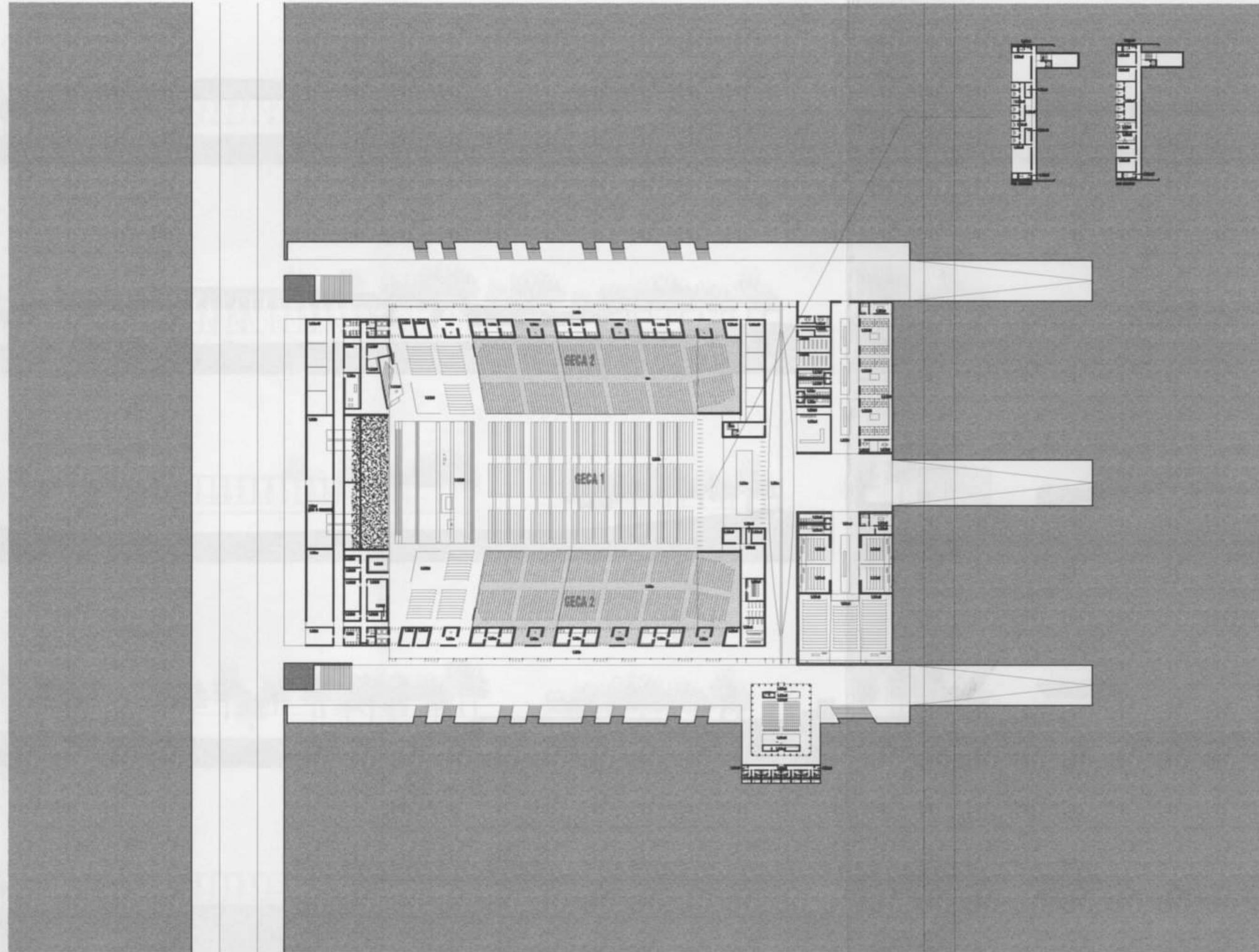
ZUMTHOR, Peter – *Thinking Architecture*, Lars Muller Publishers, 1998

(apresento acima apenas alguns dos livros que acompanharam de perto (insistentemente) todo o trabalho realizado (chamado *livros de cabeceira*), com a certeza pela compreensão do impossível trabalho de recolha de todos os títulos consultados, quer de periódicos, quer de monografias, que compõem a extensa e generosa biblioteca do atelier).

SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA- GRANDE ESPAÇO COBERTO PARA ASSEMBLEIAS



SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA- GRANDE ESPAÇO COBERTO PARA ASSEMBLEIAS

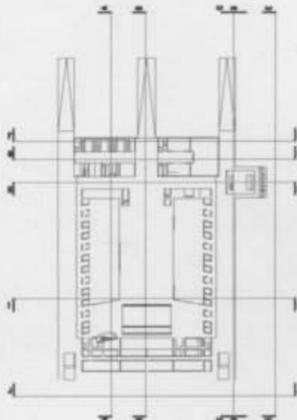
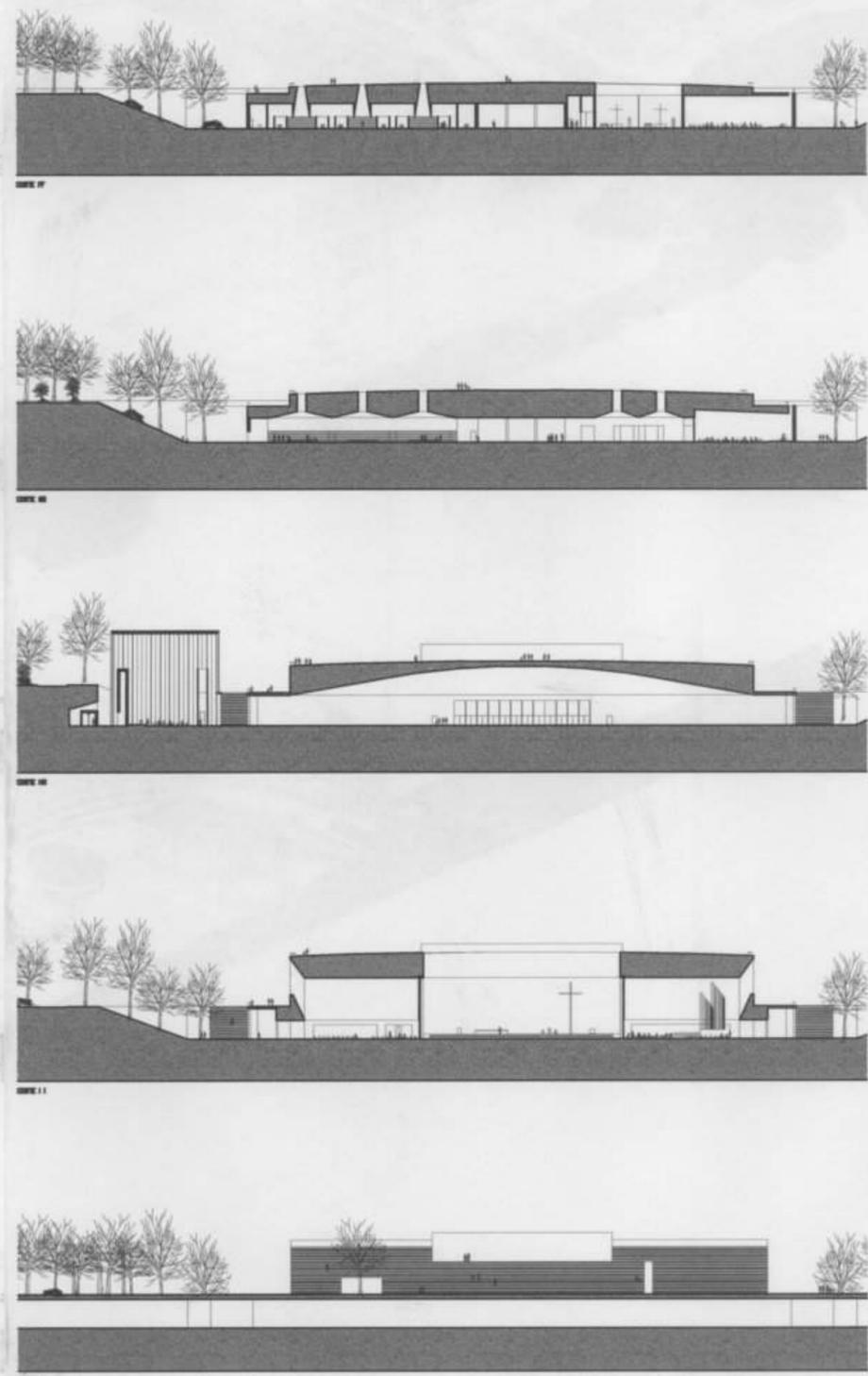
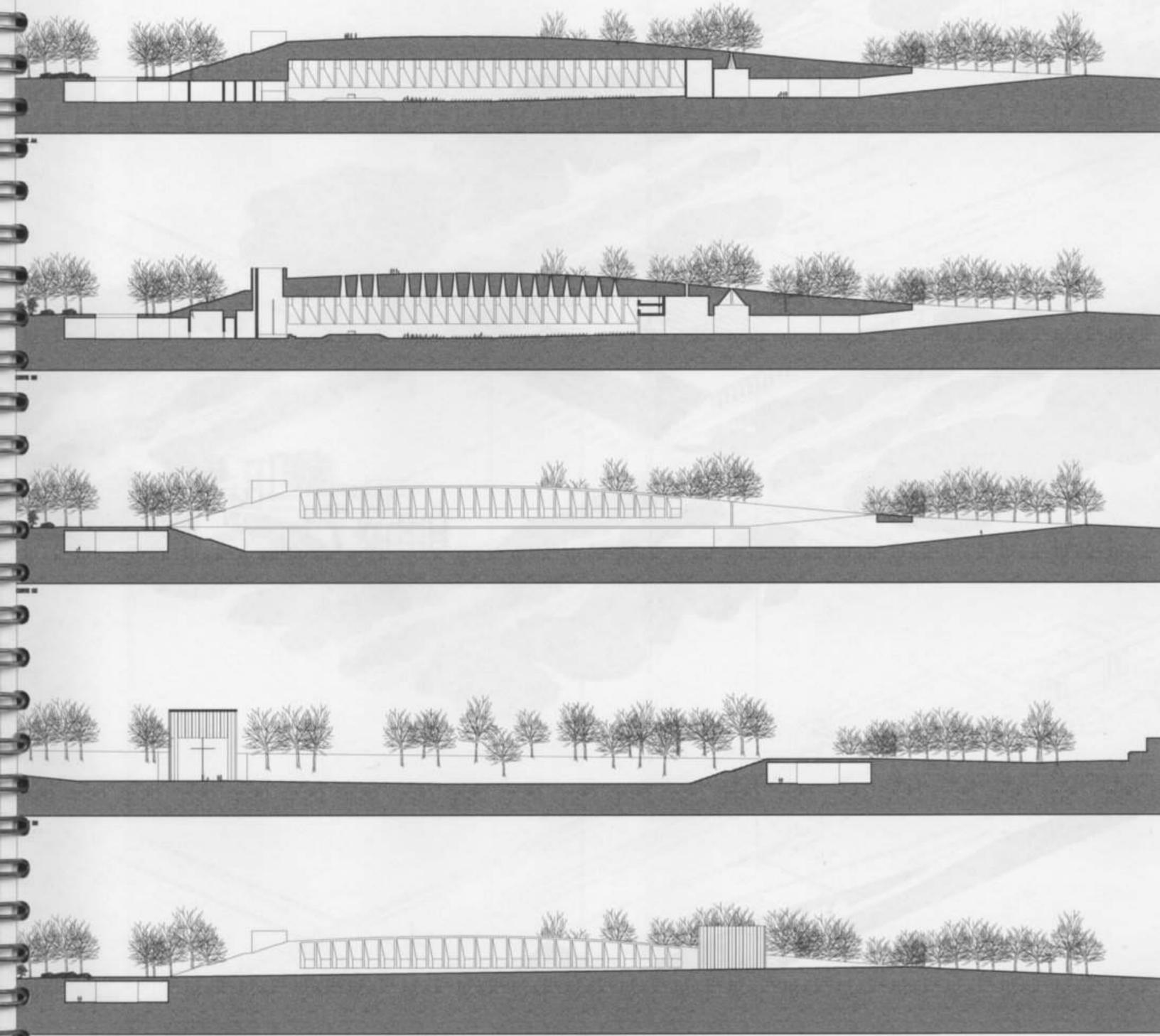


1.02	ÁREA DE SERVIÇO
1.02a	Área Serviço
1.02b	Armazenagem
1.02c	Sala de Reuniões
1.02d	Salas de Reuniões
1.02e	Recepção / Vigilância
1.02f	Recepção / Vigilância
1.02g	Recepção / Vigilância
1.02h	Recepção / Vigilância
1.02i	Recepção / Vigilância
1.02j	Recepção / Vigilância
1.02k	Recepção / Vigilância
1.02l	Recepção / Vigilância
1.02m	Recepção / Vigilância
1.02n	Recepção / Vigilância
1.02o	Recepção / Vigilância
1.02p	Recepção / Vigilância
1.02q	Recepção / Vigilância
1.02r	Recepção / Vigilância
1.02s	Recepção / Vigilância
1.02t	Recepção / Vigilância
1.02u	Recepção / Vigilância
1.02v	Recepção / Vigilância
1.02w	Recepção / Vigilância
1.02x	Recepção / Vigilância
1.02y	Recepção / Vigilância
1.02z	Recepção / Vigilância
1.03	ÁREA DE SERVIÇO DESEMPENHO DE SECA
1.03a	Pyramide
1.03b	Recepção Geral
1.03c	Recepção para visitas
1.03d	Instalações Sanitárias
1.03e	Cozinha
1.03f	Recepção para visitas
1.03g	Cozinha
1.03h	Cozinha
1.03i	Cozinha
1.03j	Cozinha
1.03k	Cozinha
1.03l	Cozinha
1.03m	Cozinha
1.03n	Cozinha
1.03o	Cozinha
1.03p	Cozinha
1.03q	Cozinha
1.03r	Cozinha
1.03s	Cozinha
1.03t	Cozinha
1.03u	Cozinha
1.03v	Cozinha
1.03w	Cozinha
1.03x	Cozinha
1.03y	Cozinha
1.03z	Cozinha
1.04	ÁREA DE SERVIÇO DESEMPENHO DE SECA
1.04a	Langar
1.04b	Área de Assembleia
1.04c	Recepção
1.04d	Recepção e Serviço
1.04e	Área com B
1.04f	Área com B
1.04g	Área com B
1.04h	Área com B
1.04i	Área com B
1.04j	Área com B
1.04k	Área com B
1.04l	Área com B
1.04m	Área com B
1.04n	Área com B
1.04o	Área com B
1.04p	Área com B
1.04q	Área com B
1.04r	Área com B
1.04s	Área com B
1.04t	Área com B
1.04u	Área com B
1.04v	Área com B
1.04w	Área com B
1.04x	Área com B
1.04y	Área com B
1.04z	Área com B
1.05	Área Serviço
1.05a	Cozinha de Preparação / Cozinha de Serviço
1.05b	Cozinha de Serviço
1.05c	Cozinha de Serviço
1.05d	Cozinha de Serviço
1.05e	Cozinha de Serviço
1.05f	Cozinha de Serviço
1.05g	Cozinha de Serviço
1.05h	Cozinha de Serviço
1.05i	Cozinha de Serviço
1.05j	Cozinha de Serviço
1.05k	Cozinha de Serviço
1.05l	Cozinha de Serviço
1.05m	Cozinha de Serviço
1.05n	Cozinha de Serviço
1.05o	Cozinha de Serviço
1.05p	Cozinha de Serviço
1.05q	Cozinha de Serviço
1.05r	Cozinha de Serviço
1.05s	Cozinha de Serviço
1.05t	Cozinha de Serviço
1.05u	Cozinha de Serviço
1.05v	Cozinha de Serviço
1.05w	Cozinha de Serviço
1.05x	Cozinha de Serviço
1.05y	Cozinha de Serviço
1.05z	Cozinha de Serviço

PLANTA À COTA 339.00 - ESCALA 1:500

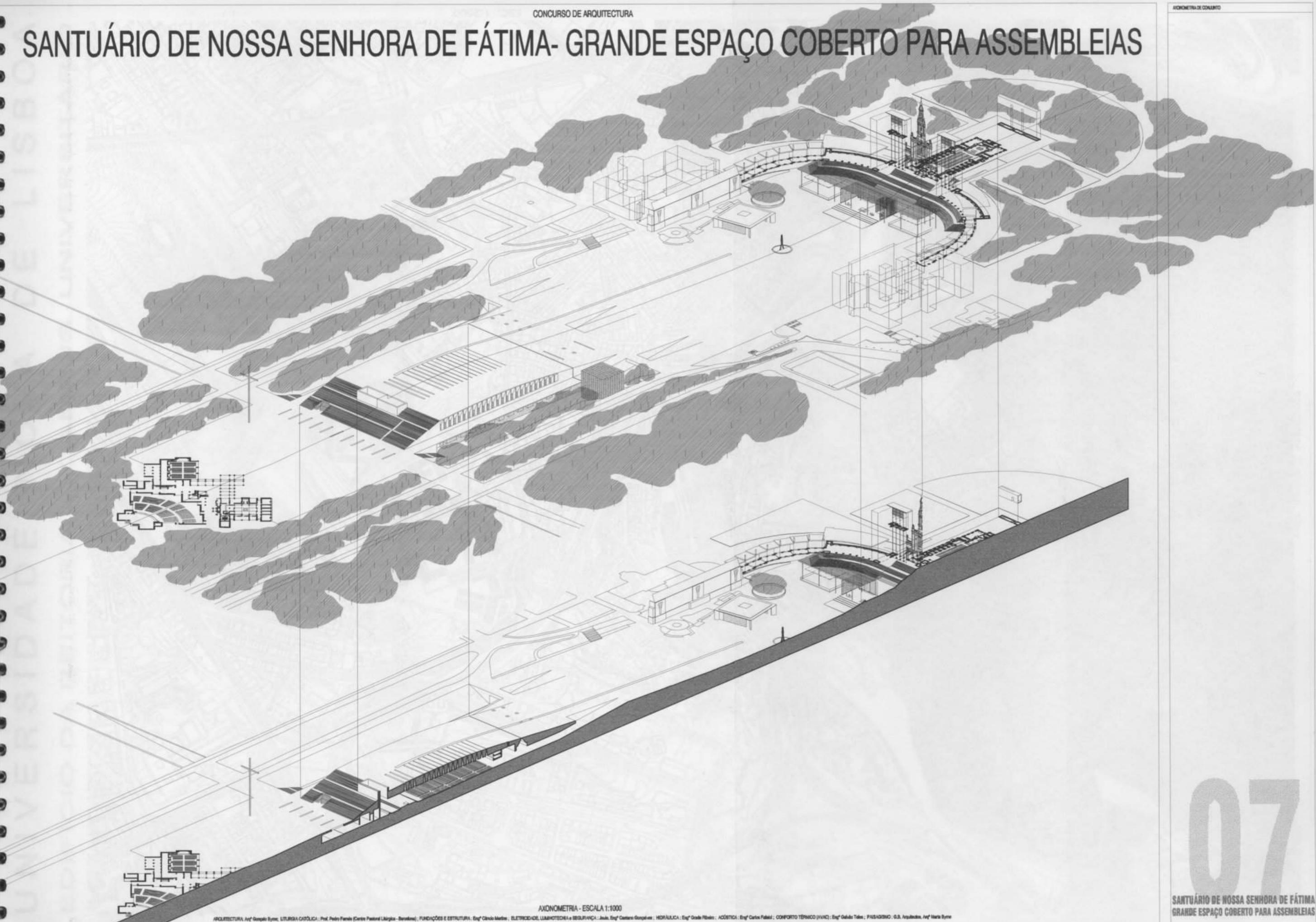
ARQUITECTURA: Arqº Gergely Byrne; LITURGIA CATÓLICA: Prof. Pedro Faria (Centro Pastoral Litúrgico - Beirã); FUNDAÇÕES E ESTRUTURA: Engº Cláudio Martins; ELÉTRICIDADE, LUMINOTECNIA E SEGURANÇA: João, Engº Carlos Gonçalves; HIDRÁULICA: Engº Grazi Pêvão; ACÚSTICA: Engº Carlos Pêvão; CONFORTO TÉRMICO (HVAC): Engº Daldo Tóres; PAVIMENTOS: G.B. Arquitectos, Arqº Maria Byrne

SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA- GRANDE ESPAÇO COBERTO PARA ASSEMBLEIAS



CORTES E ALÇADOS - ESCALA 1:500

SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA- GRANDE ESPAÇO COBERTO PARA ASSEMBLEIAS



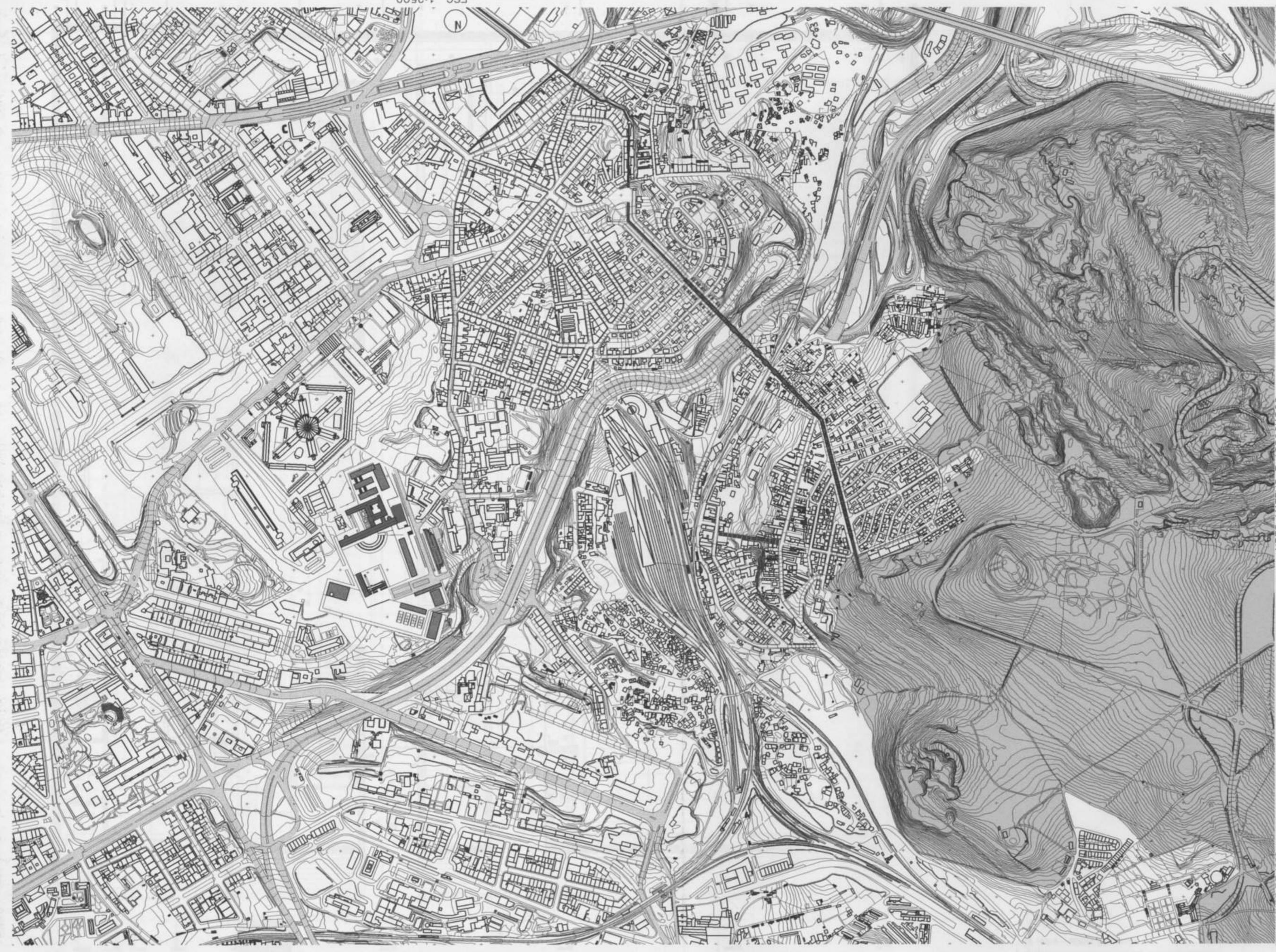
AXONOMETRIA - ESCALA 1:1000

ARQUITECTURA: Arqº Gonçalo Byrne; LITURGIA CATÓLICA: Prof. Pedro Faria (Centro Pastoral Litúrgico - Beirões); FUNDAÇÕES E ESTRUTURA: Engº Cláudio Matos; ELETRICIDADE, LIMPEZA E SEGURANÇA: João, Engº Carlos Gonçalves; HIDRÁULICA: Engº João Ribeiro; ACÚSTICA: Engº Carlos Fidalgo; CONFORTO TÉRMICO (HVAC): Engº Gabriel Tóres; PAVIMENTOS: G.B. Arquitectos, Arqº Maria Byrne

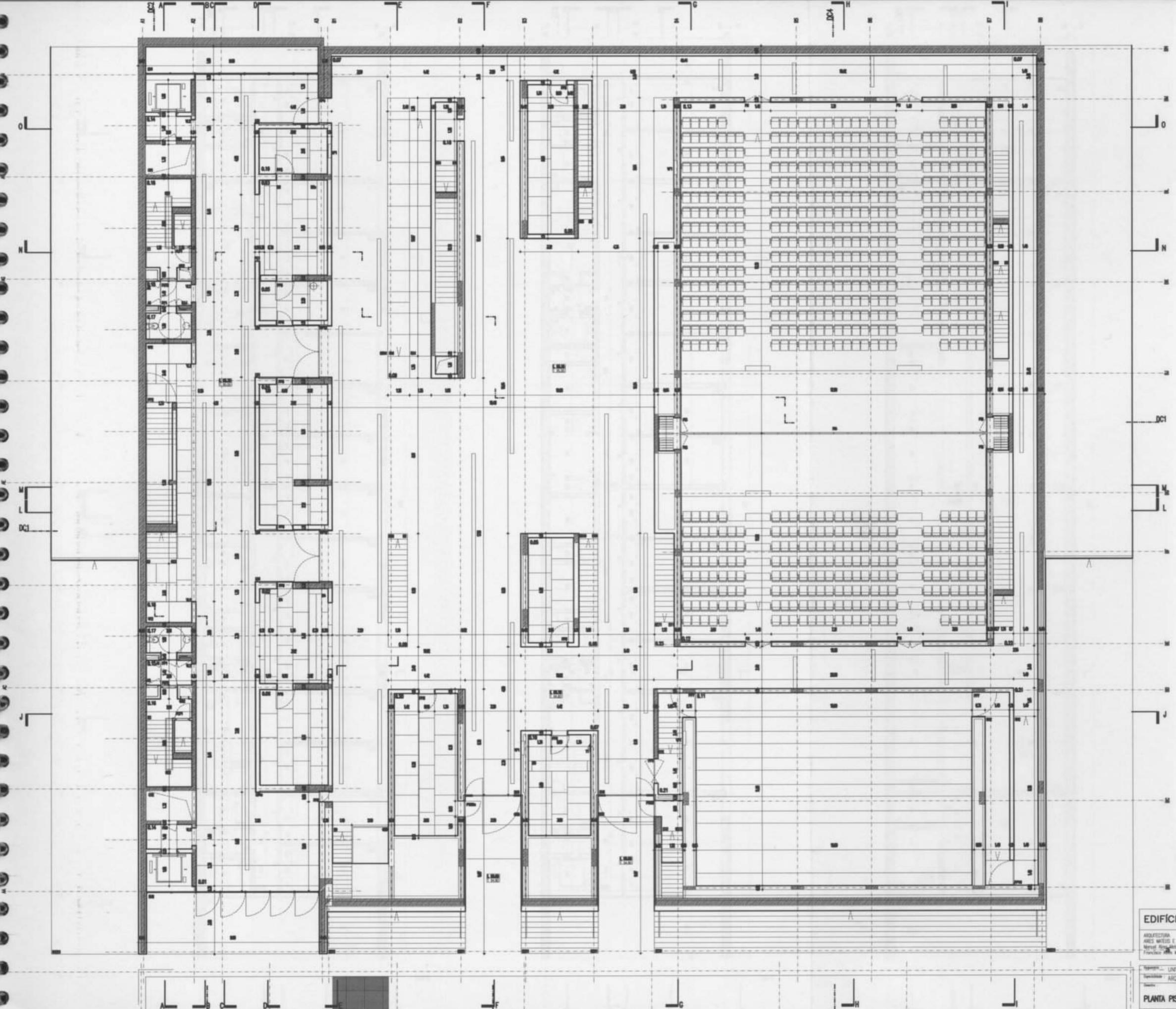
07

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

EDIFÍCIO DA REITORIA - CAMPUS UNIVERSITÁRIO



ESC. 1:2500



- LEGENDA :
- 0.01 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.02 - RECEÇÃO/REUNIÃO
 - 0.03 - SPA
 - 0.04 - ÁREA DE CONFERÊNCIAS
 - 0.05 - ARQUIVO
 - 0.06 - SALA DE CONFERÊNCIAS
 - 0.07 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.08 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.09 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.10 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.11 - SALA DE REUNIÃO/PLANEJAMENTO
 - 0.12 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.13 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.14 - SALA DE ESTUDO
 - 0.15 - SALA DE ESTUDO
 - 0.16 - SALA DE ESTUDO
 - 0.17 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.18 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.19 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.20 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.21 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.22 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.23 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.24 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.25 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.26 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.27 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.28 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.29 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.30 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.31 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.32 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.33 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.34 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.35 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.36 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.37 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.38 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.39 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.40 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.41 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.42 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.43 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.44 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.45 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.46 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.47 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.48 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.49 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.50 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.51 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.52 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.53 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.54 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.55 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.56 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.57 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.58 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.59 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.60 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.61 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.62 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.63 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.64 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.65 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.66 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.67 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.68 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.69 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.70 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.71 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.72 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.73 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.74 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.75 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.76 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.77 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.78 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.79 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.80 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.81 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.82 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.83 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.84 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.85 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.86 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.87 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.88 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.89 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.90 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.91 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.92 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.93 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.94 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.95 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.96 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.97 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.98 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 0.99 - ÁREA DE SERVIÇO
 - 1.00 - ÁREA DE SERVIÇO

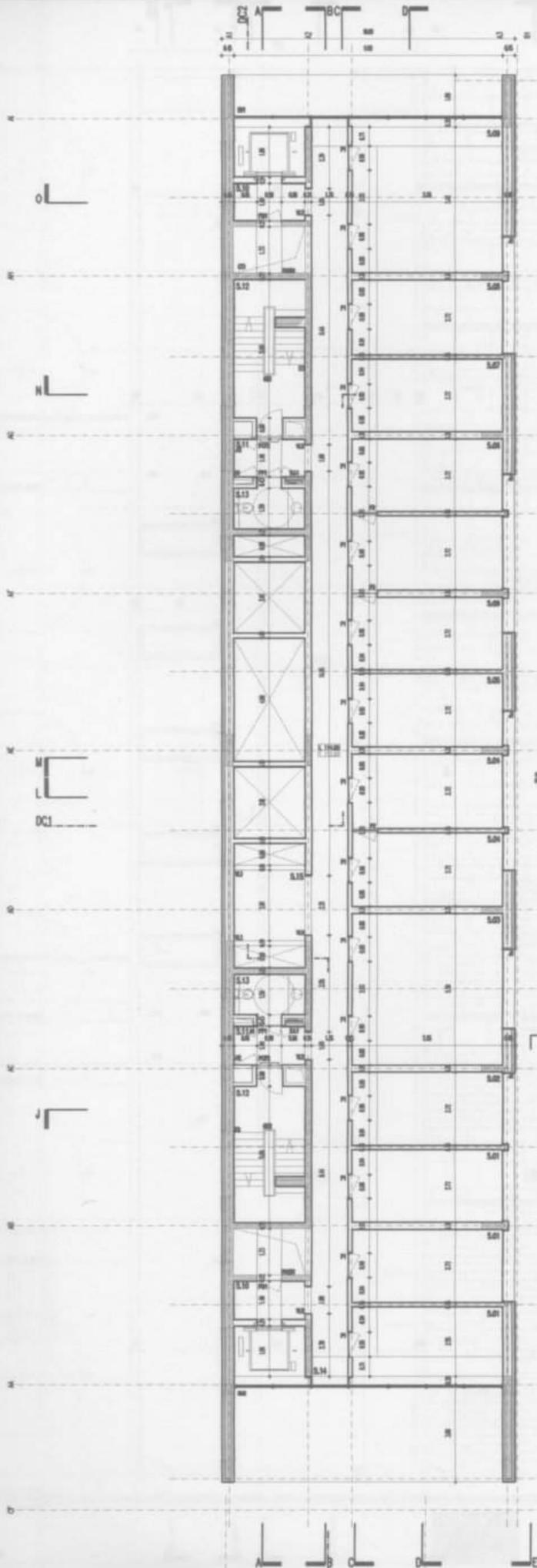
EDIFÍCIO DA REITORIA - UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

ARQUITECTURA
 ARS, MATEUS E ASSOCIADOS
 Manuel Reis, Arquitecto
 Francisco Reis, Arquitecto

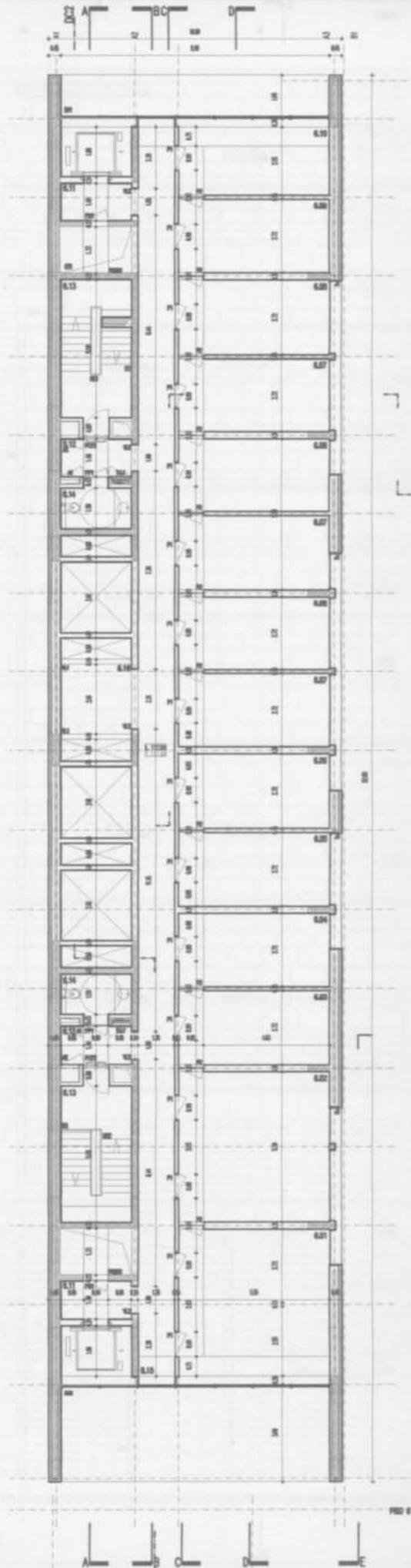
Projeto de Execução
 Escala: 1/100
 Data: ACO 99
 Folha: A06

UNIVERSIDADE DE NOVA DE LISBOA
 ARQUITECTURA
 PLANTA PISO 0 - REITORIA (COTA 95.10)

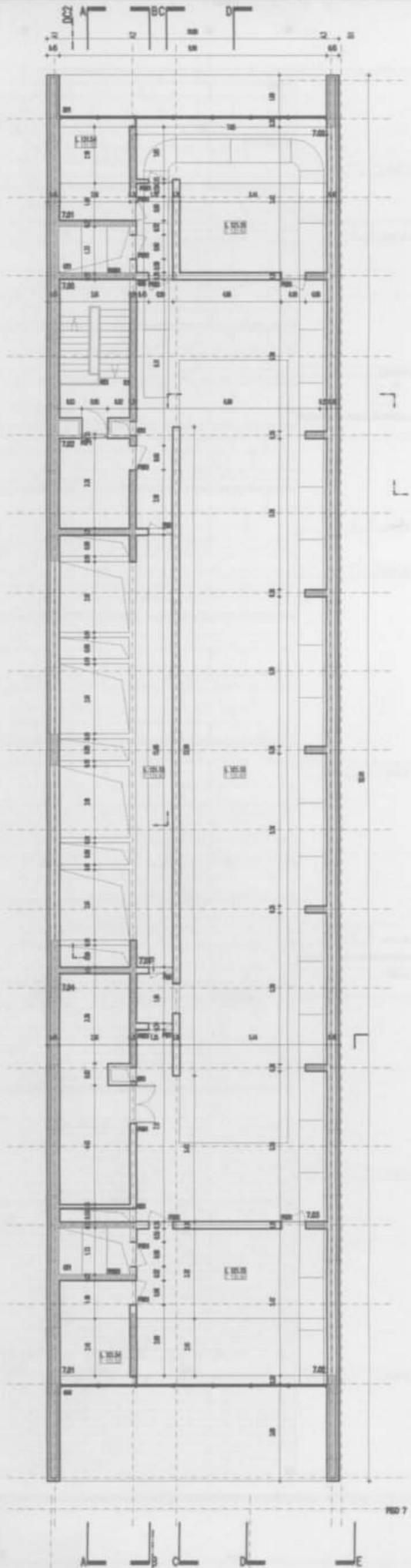
Rua do Escola Politécnico, 285 - 1200 LISBOA • Tel: 386 31 78 - Fax: 387 63 25



PSO 5



PSO 6



PSO 7

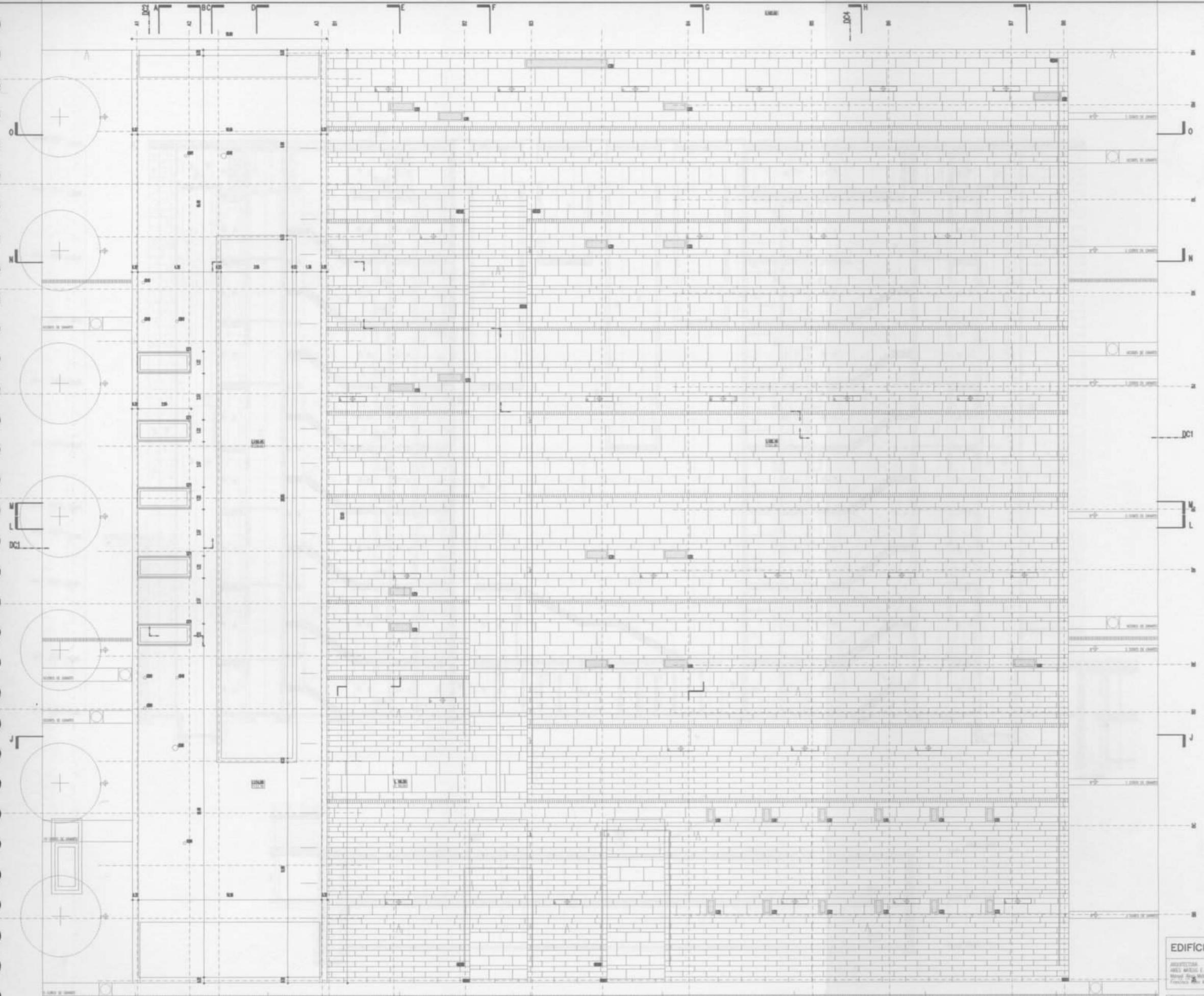
- LEGENDA:
- 0.01 - SAL PAS-RECOR
 - 0.02 - RECORRIDO PAS-RECOR
 - 0.03 - RECORRIDO A
 - 0.04 - SAL PASSAGENS
 - 0.05 - SAL JARDIM
 - 0.06 - SAL RECORRIDO
 - 0.07 - SAL DE RECORRIDO
 - 0.08 - RECORRIDO DE PASSO
 - 0.09 - RECORRIDO B
 - 0.10 - SAL ESCOLARES
 - 0.11 - SAL ESCOLAS
 - 0.12 - ESCOLA DE ENFERMAGEM
 - 0.13 - INSTALAÇÕES ESPECIAIS
 - 0.14 - COZINHA DE SERVIÇO
 - 0.15 - AREA DE ESPON
 - 0.21 - SAL DE RECORRIDO
 - 0.22 - RECORRIDO DE PASSO
 - 0.23 - SAL DE ESPON/RECORRIDO
 - 0.24 - SAL RECORRIDO
 - 0.25 - SAL RECORRIDO
 - 0.26 - RECORRIDO DE PASSO
 - 0.27 - SAL PAS-RECORRIDO
 - 0.28 - RECORRIDO PAS-RECORRIDO
 - 0.29 - SAL DE ESPON PAS-RECORRIDO
 - 0.30 - RECORRIDO
 - 0.31 - SAL ESCOLARES
 - 0.32 - SAL ESCOLAS
 - 0.33 - ESCOLA DE ENFERMAGEM
 - 0.34 - INSTALAÇÕES ESPECIAIS
 - 0.35 - COZINHA DE SERVIÇO
 - 0.36 - AREA DE ESPON
 - 7.01 - SAL DAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM
 - 7.02 - AREA RECORRIDO ESCOLARES
 - 7.03 - AREA RECORRIDO ESCOLARES
 - 7.04 - GRUPO DE EMERGENCIA
 - 7.05 - ESCOLA
 - 7.06 - COZINHA DE SERVIÇO

EDIFÍCIO DA REITORIA - UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

ARQUITECTURA
 ARQUITECTOS: ARQUITECTURA
 Manuel Aires Mateus, arquitecto
 Francisco Aires Mateus, arquitecto

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
 PROJETO DE EXECUÇÃO

PLANTA PISOS 5 (COTA 114.00), 6 (COTA 117.50), 7 (COTA 121.15)



..... - CILINDRO EM PEDRA
 - CILINDRO EM AÇO

LEGENDA:
 A - 100% - 1/1000
 B - 100% - 1/1000
 C - 100% - 1/1000
 D - 100% - 1/1000
 E - 100% - 1/1000
 F - 100% - 1/1000
 G - 100% - 1/1000
 H - 100% - 1/1000
 I - 100% - 1/1000
 J - 100% - 1/1000
 K - 100% - 1/1000
 L - 100% - 1/1000
 M - 100% - 1/1000
 N - 100% - 1/1000
 O - 100% - 1/1000
 P - 100% - 1/1000
 Q - 100% - 1/1000
 R - 100% - 1/1000
 S - 100% - 1/1000
 T - 100% - 1/1000
 U - 100% - 1/1000
 V - 100% - 1/1000
 W - 100% - 1/1000
 X - 100% - 1/1000
 Y - 100% - 1/1000
 Z - 100% - 1/1000

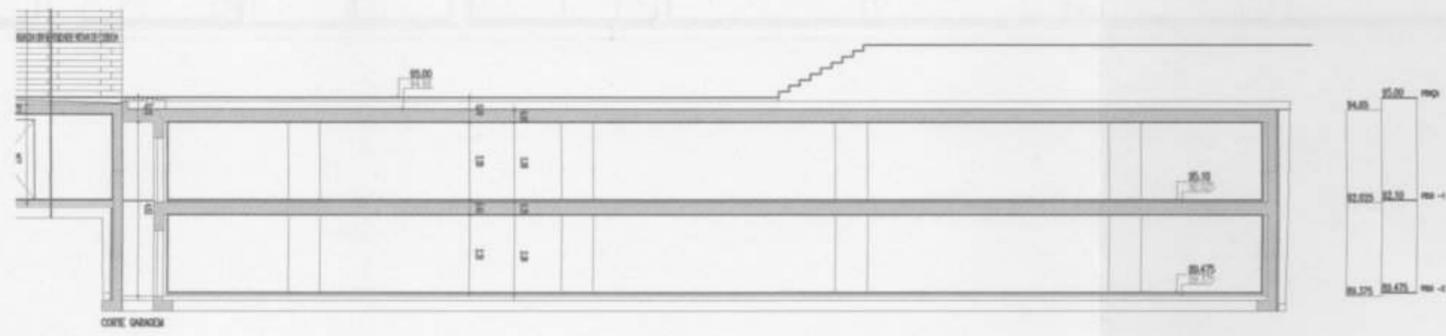
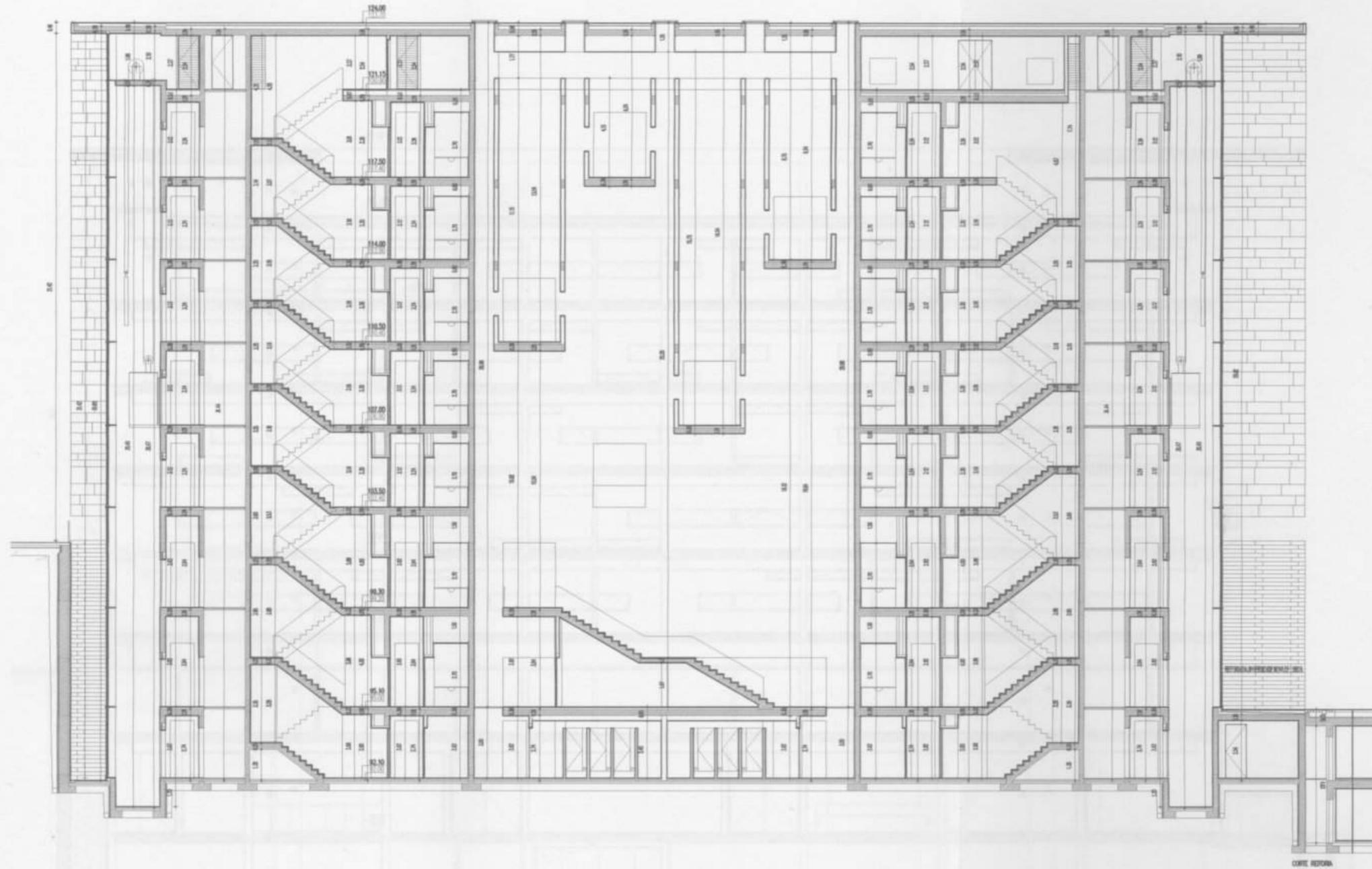
EDIFÍCIO DA REITORIA - UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

ARQUITECTURA
 ÁREAS MORTAS E ACCESÓRIAS
 Manuel Aires Mateus, arquitecto
 Francisco Aires Mateus, arquitecto
 Rua de Escola Politécnica, 295 - 1050 LISBOA • Tel. 351 21 76 - Fax: 351 21 25

Escola: UNIVERSIDADE DE NOVA DE LISBOA
 Disciplina: ARQUITECTURA

PROJETO DE EXECUÇÃO
 Escala: 1/1000
 Data: 2002-08
 Folha: 1
A10

NO 10	124.00	123.70
NO 9	121.00	120.30
NO 8	117.30	117.40
NO 7	114.00	113.00
NO 6	110.50	109.80
NO 5	107.00	106.90
NO 4	103.50	103.40
NO 3	100.00	99.80
NO 2	96.50	96.20
NO 1	93.00	92.00
NO 0	89.50	87.00



EDIFÍCIO DA REITORIA – UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

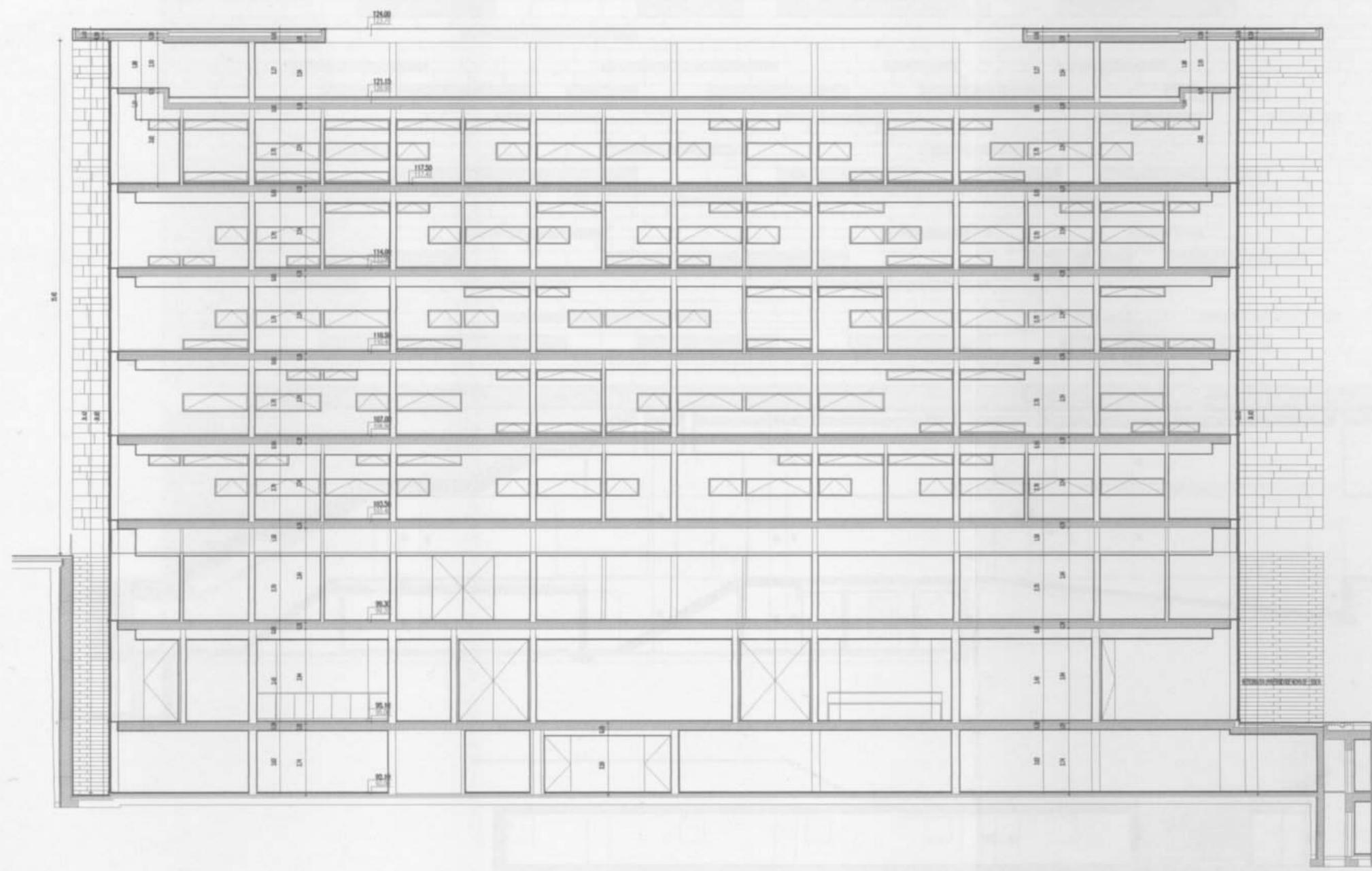
ARQUITECTURA
 ARQUITECTURA
 ARQUITECTURA
 Rua do Teatro Politecnico, 285 – 1250 LISBOA • Tel. 398 31 15 – Fax 397 43 25

UNIVERSIDADE DE NOVA DE LISBOA
 ARQUITECTURA

PROJECTO DE EXECUÇÃO
 1/100
 AGO 88

CORTES – CORTE A
 A12

121.00	121.70
121.15	120.80
117.50	117.40
115.80	113.80
116.50	116.40
107.00	106.80
103.50	103.40
102.50	101.80
99.50	99.50
99.50	99.50
97.50	97.50



EDIFÍCIO DA REITORIA – UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

ARQUITECTURA
 ARS, MATEUS & ASSOCIADOS
 Manuel Aires Mateus, arquitecto
 Francisco Aires Mateus, arquitecto

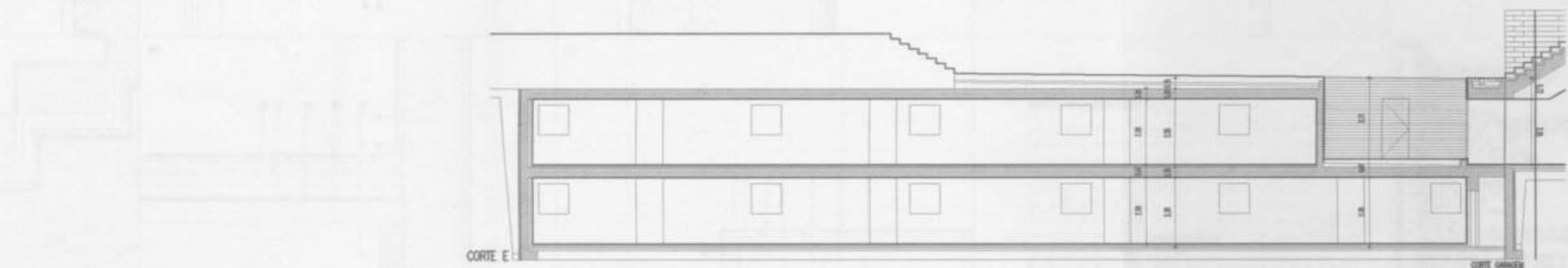
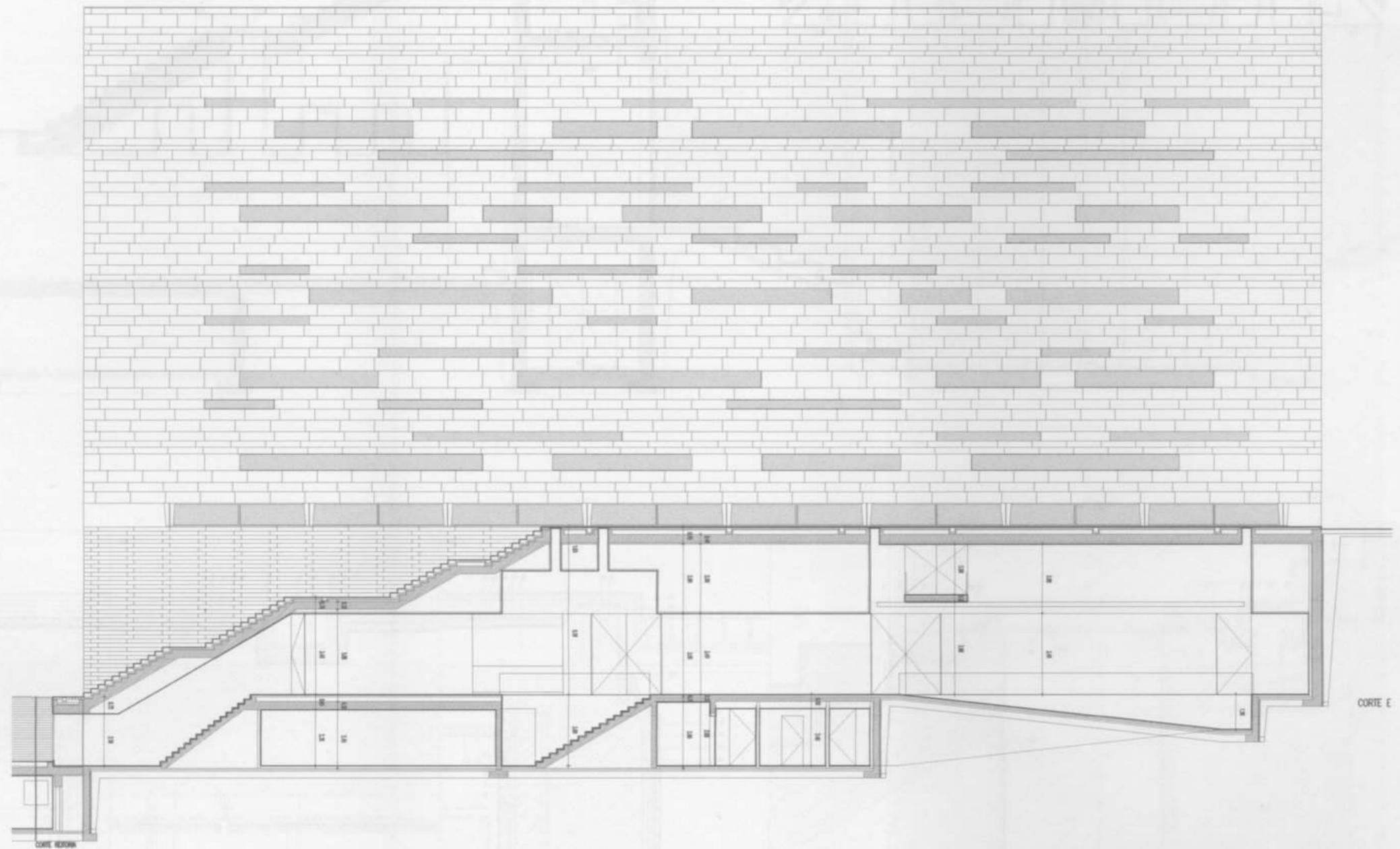
Av. de Escola Politécnica, 285 – 1200 LISBOA • Tel. 389 21 10 – Fax 387 63 25

Projeto: UNIVERSIDADE DE NOVA DE LISBOA
 Disciplina: ARQUITECTURA

CORTES – CORTE D

PROJETO DE EXECUÇÃO
 17/100
 1001
 1002
 1003
 1004
 1005
 1006
 1007
 1008
 1009
 1010
 1011
 1012
 1013
 1014
 1015
 1016
 1017
 1018
 1019
 1020
 1021
 1022
 1023
 1024
 1025
 1026
 1027
 1028
 1029
 1030
 1031
 1032
 1033
 1034
 1035
 1036
 1037
 1038
 1039
 1040
 1041
 1042
 1043
 1044
 1045
 1046
 1047
 1048
 1049
 1050
 1051
 1052
 1053
 1054
 1055
 1056
 1057
 1058
 1059
 1060
 1061
 1062
 1063
 1064
 1065
 1066
 1067
 1068
 1069
 1070
 1071
 1072
 1073
 1074
 1075
 1076
 1077
 1078
 1079
 1080
 1081
 1082
 1083
 1084
 1085
 1086
 1087
 1088
 1089
 1090
 1091
 1092
 1093
 1094
 1095
 1096
 1097
 1098
 1099
 1100

A15



EDIFÍCIO DA REITORIA – UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

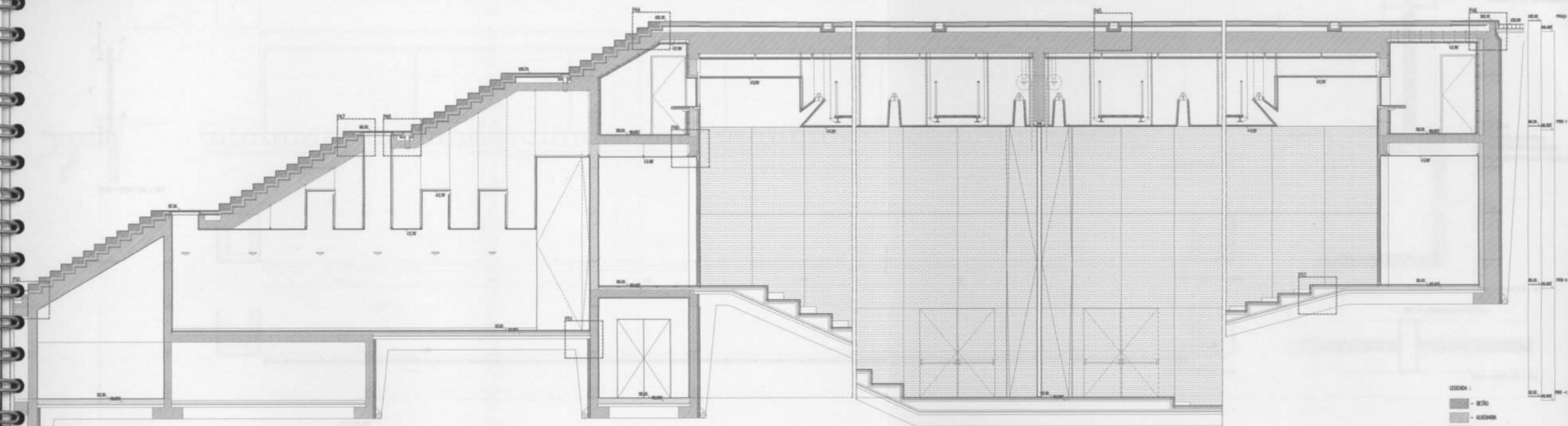
ARQUITECTURA
 ÁREAS MÓDULO E ADJACÊNCIAS
 Manuel Aires Mateus, arquitecto
 Francisco Aires Mateus, arquitecto

Rua da Escola Politécnica, 285 – 1200 LISBOA • Tel: 384 21 15 – Fax: 387 62 25

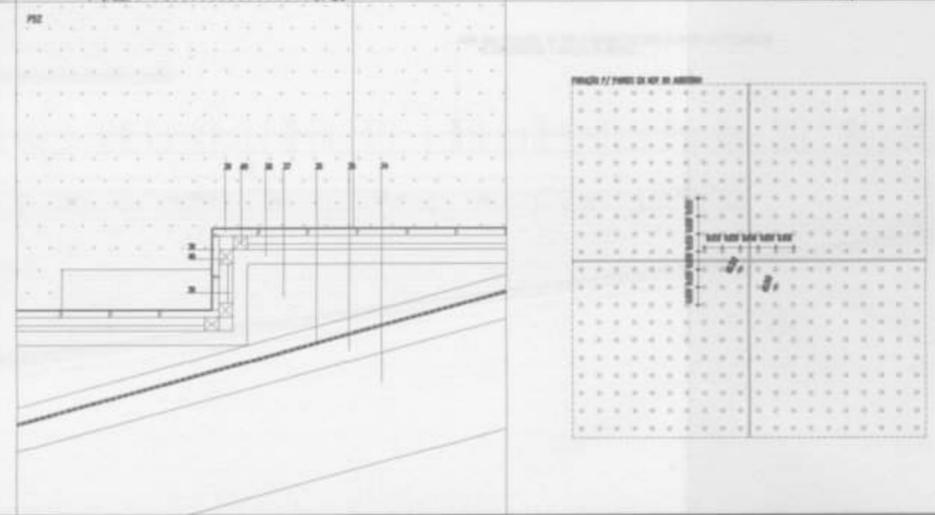
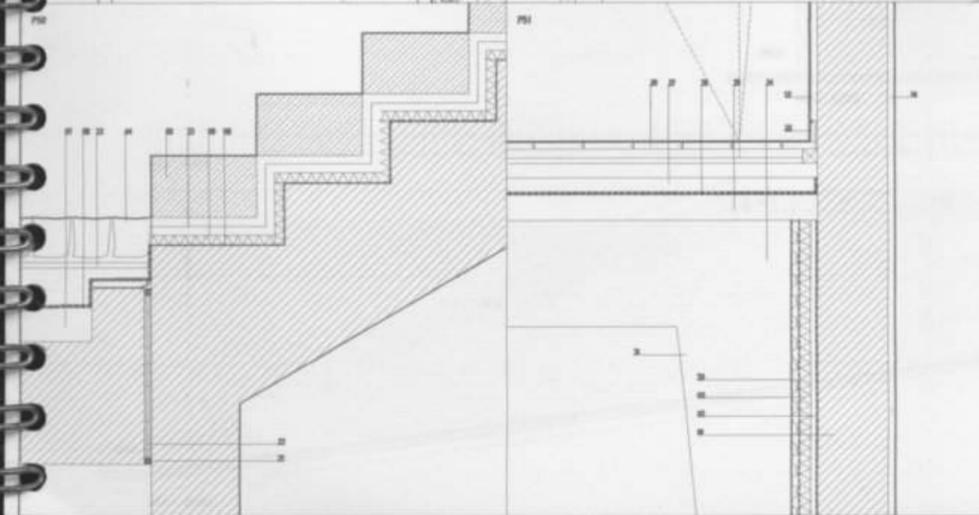
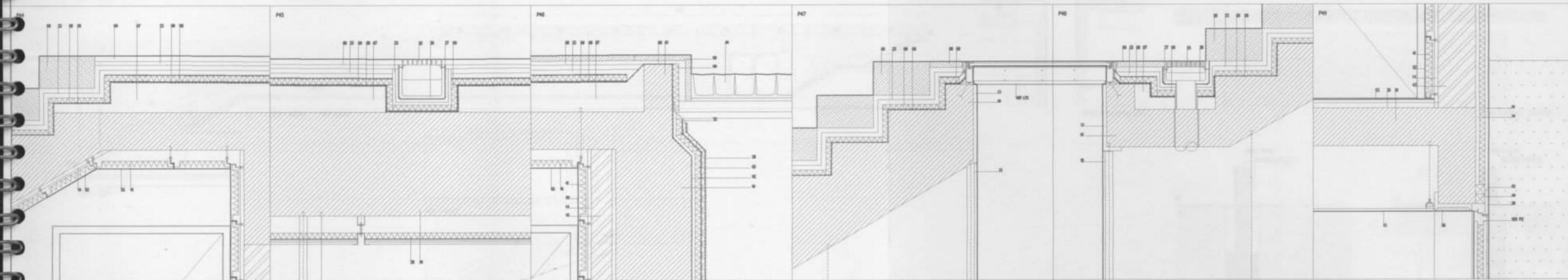
Projeto: UNIVERSIDADE DE NOVA DE LISBOA
 Disciplina: ARQUITECTURA

CORTES – CORTE E

PROJETO DE EXECUÇÃO
 Escala: 1/100
 Data: 2003/08
 Folha: A16



- LEGENDA:
- BETÃO
 - ALVENARIA
 - PEDA
 - REVEDO
 - REJA
 - GRANUL DE CONCRETO



LEGENDA:

- 01 - BETÃO
- 02 - REVEDO C/ BASTÃO RECAMBADA
- 03 - ISOLAMENTO TÉRMICO - "WALLMATE 30mm"
- 04 - CIMA DE AR
- 05 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 06 - PEDA
- 07 - CAMADA DE FIBRA DE VIDRO
- 08 - IMPERMEABILIZAÇÃO C/ TELA DE PVC 1.5/1000
- 09 - ISOLAMENTO TÉRMICO - "SOOFIMATE 30mm" C/ BASTÃO RECAMBADA
- 10 - CIMENTAÇÃO - BARRA DE 10mm
- 11 - CALDEIRA C/ BASTÃO DE FIBRA DE VIDRO
- 12 - REVEDO ARABADO C/ FIBRA DE VIDRO
- 13 - CIMENTAÇÃO PROJEIONADA
- 14 - REVEDO ARABADO
- 15 - TETO FALSO PLACOPLANE
- 16 - ALVENARIA DE TELA 110
- 17 - CANTONEIRA METÁLICA
- 18 - ROUPÃO DE ALVENARIA 45mm
- 19 - PROJETOS METÁLICOS
- 20 - TELA DE PROTEÇÃO TIPO "TOLUENADA 50" DA MPOVIM
- 21 - JANELA DE ALUMÍNIO "PROTECTOR" DA MPOVIM
- 22 - PULVERIZADO CONCRETADO 20mm
- 23 - BETONEIRA ARABADA C/ BASTÃO DE FIBRA DE VIDRO
- 24 - CIMA DE AR
- 25 - REVEDO HIBRIDIZADO ARABADO C/ FIBRA DE VIDRO C/ PAREDE POR DISPERÇÃO TIPO "COXER 100" DA SGA
- 26 - ALVENARIA DE TELA 110
- 27 - TELA DUPLO TIPO "TOLUENADA 50" DA MPOVIM
- 28 - TETO ACOTADO TIPO "TAVEL P/ DA SGA"
- 29 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 30 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 31 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 32 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 33 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 34 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 35 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 36 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 37 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 38 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 39 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 40 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 41 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 42 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 43 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 44 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 45 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 46 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 47 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 48 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 49 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 50 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 51 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 52 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 53 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 54 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 55 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 56 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 57 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 58 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 59 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA
- 60 - SERRAÇÃO TIPO "MILUX" P/ PEDA

NOTA: VER MAPAS DE GUARDAS, DE VAGOS, DE BALCOES, DE ARMARIOS E DE ELEMENTOS

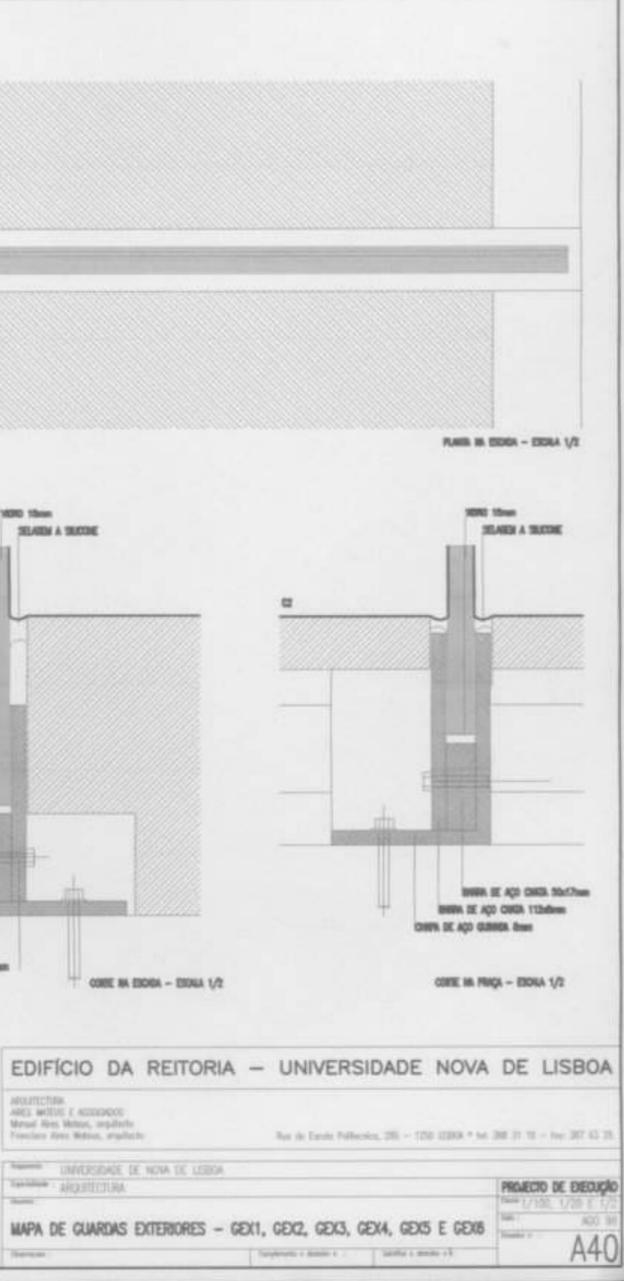
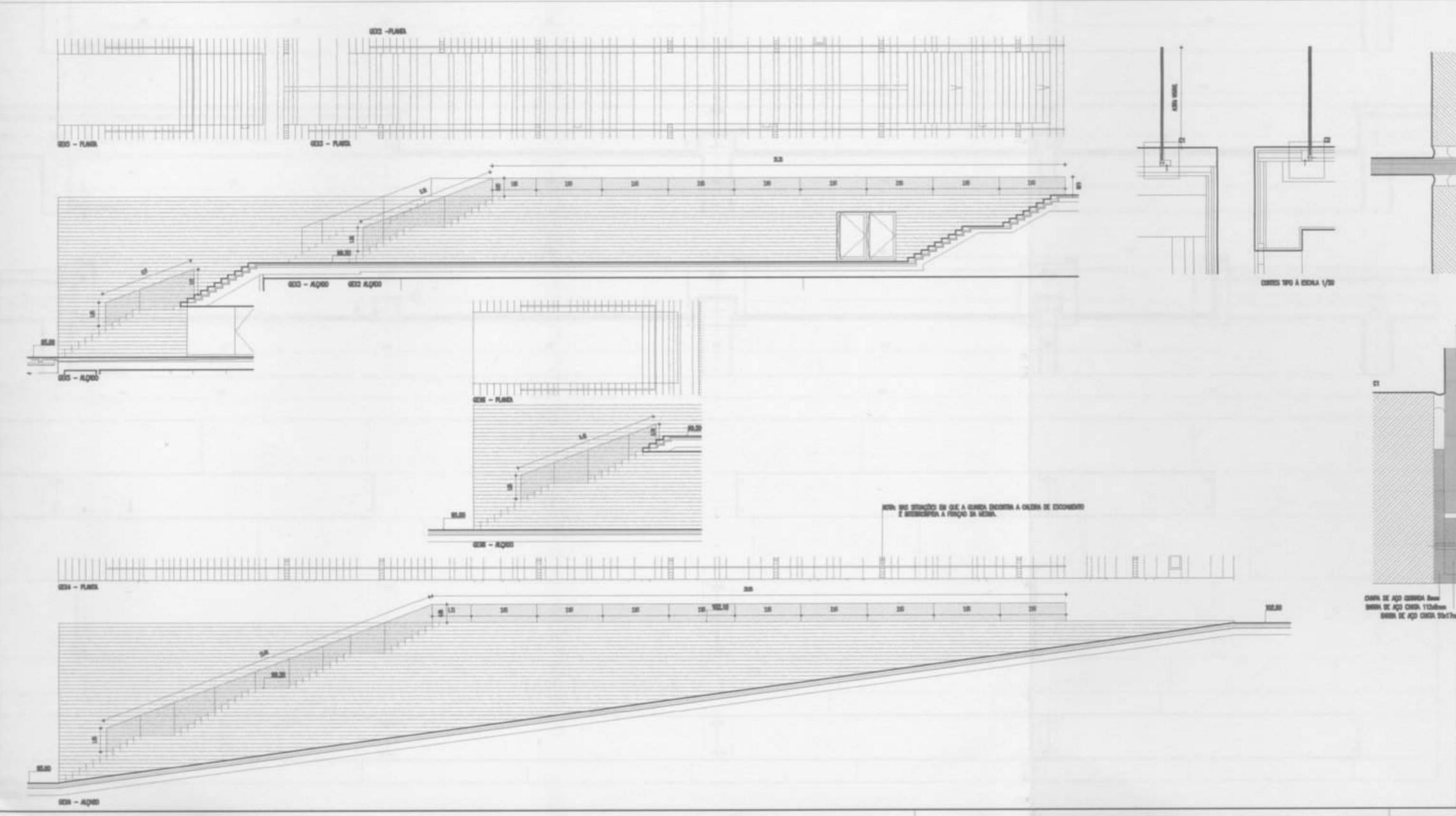
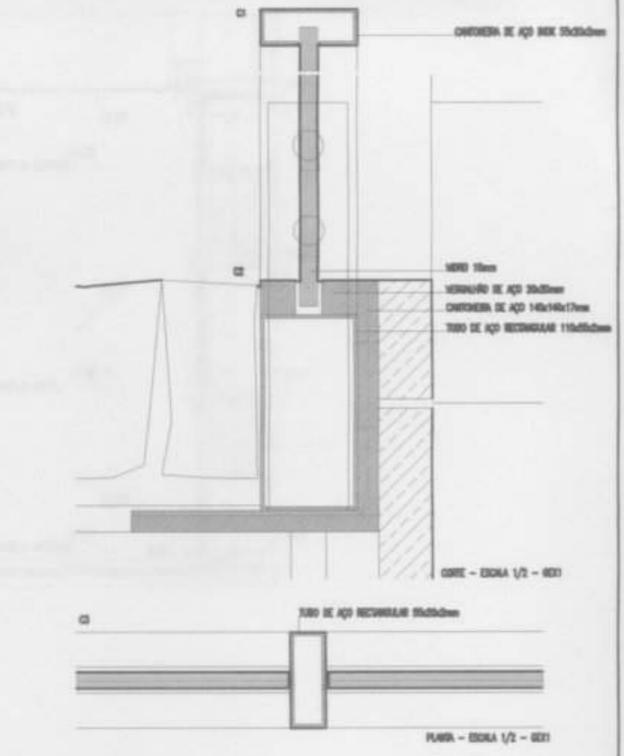
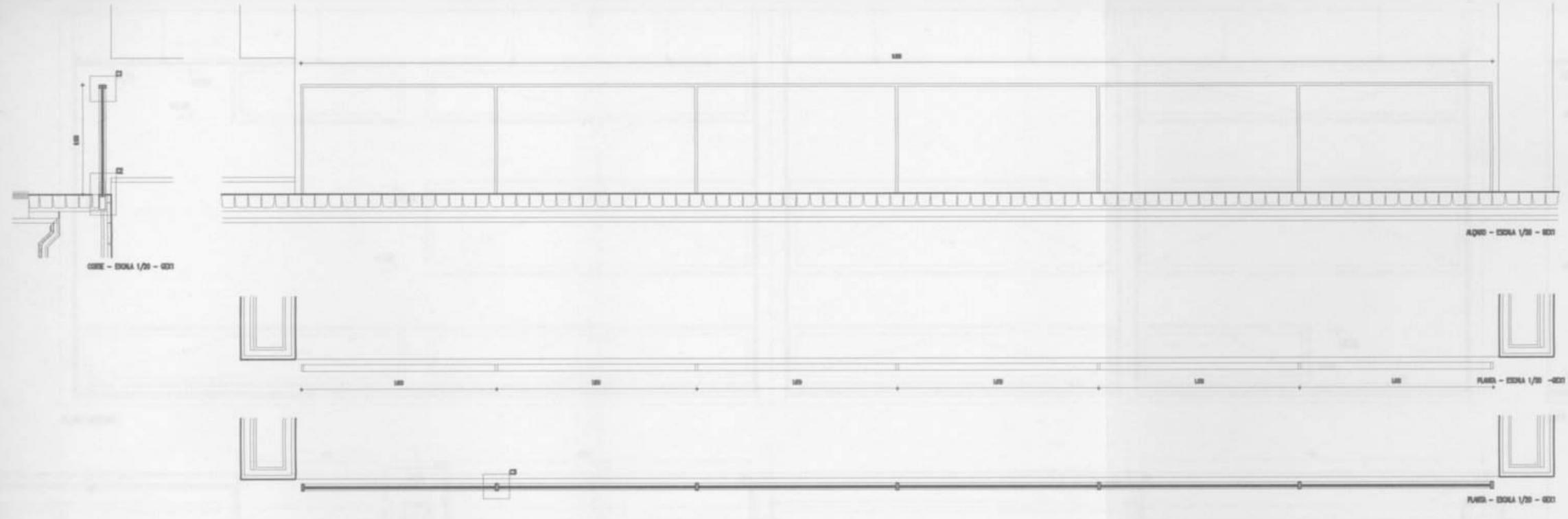
EDIFÍCIO DA REITORIA - UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

ARQUITECTURA
 ARQUITECTOS: ARQUITECTURA
 ARQUITECTA: ARQUITECTURA
 ARQUITECTA: ARQUITECTURA

UNIVERSIDADE DE NOVA DE LISBOA
 ARQUITECTURA

PROJETO DE DESENHO
 ESCALA: 1/50
 DATA: 2008
 DESENHOS CONSTRUTIVOS - DC4

Projeto de Desenho
 Escala: 1/50
 Data: 2008
 Desenhos Construtivos - DC4

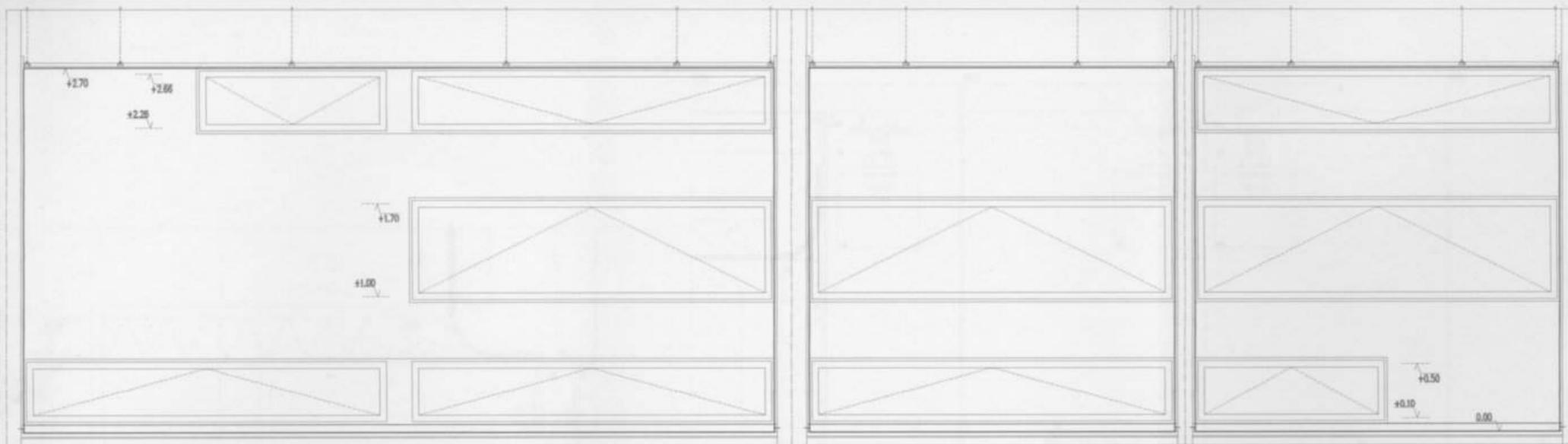


EDIFÍCIO DA REITORIA - UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

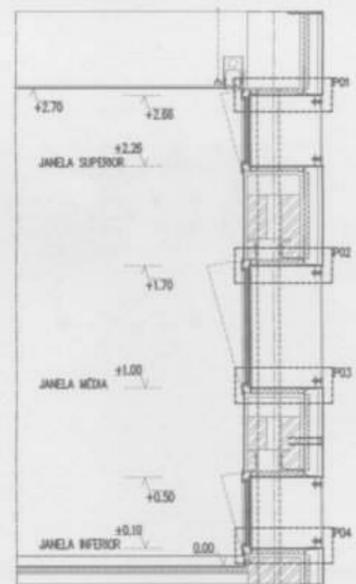
ARQUITECTURA
 ARQUITECTURA
 Manuel Reis Wilson, arquitecto
 Francisco Aires Wilson, arquitecto

UNIVERSIDADE DE NOVA DE LISBOA
 ARQUITECTURA

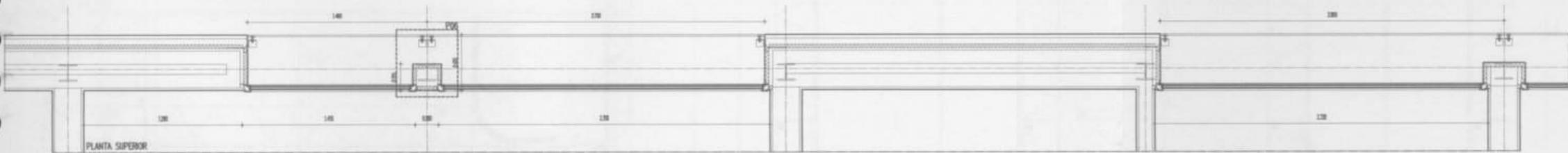
PROJETO DE DECORÇÃO
 ESCALA 1/20, 1/20 E 1/2
 MAPA DE GUARDAS EXTERIORES - GEX1, GEX2, GEX3, GEX4, GEX5 E GEX6
 A40



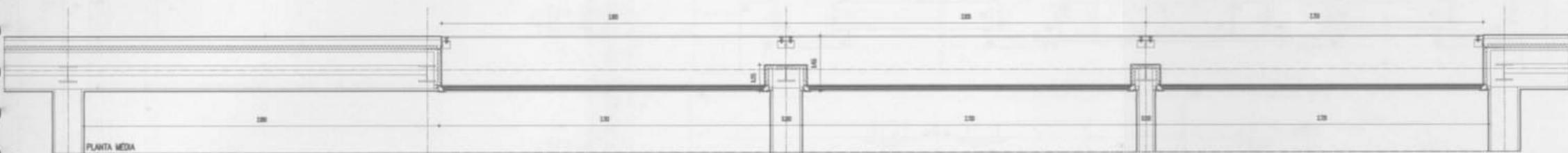
ALÇAO INTERIOR



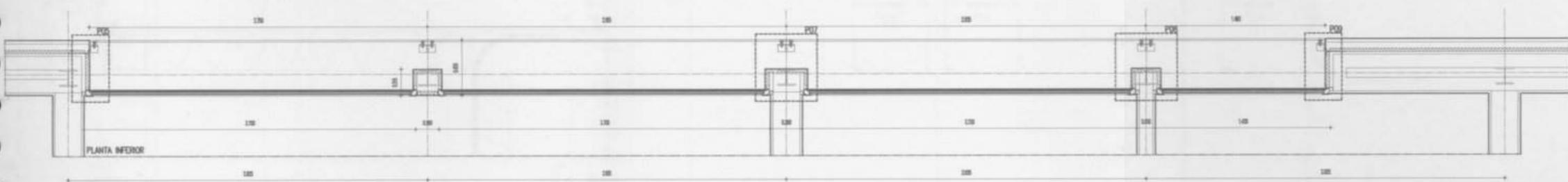
CORTE



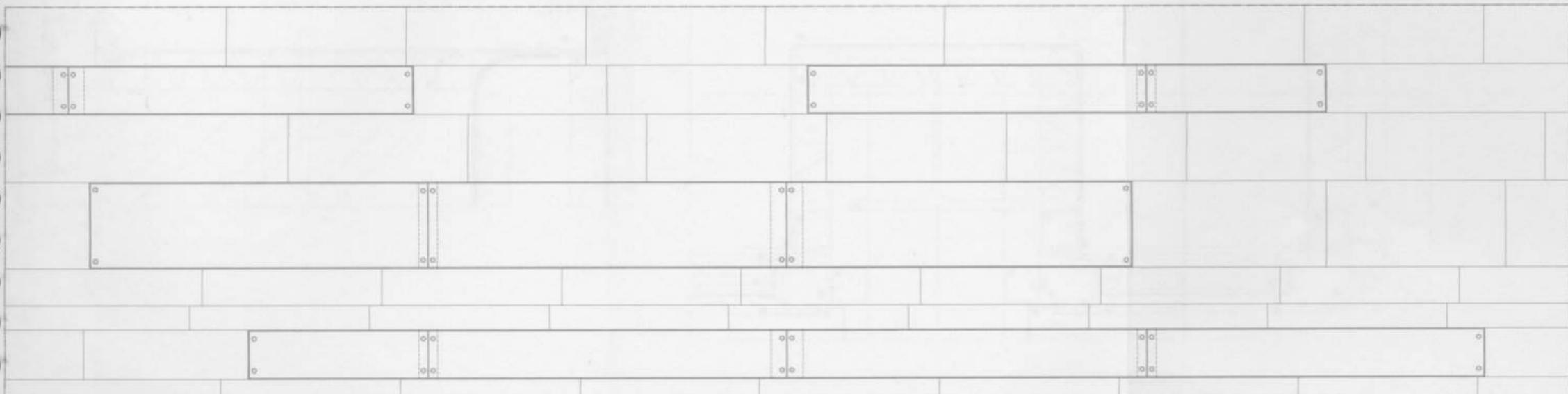
PLANTA SUPERIOR



PLANTA MEDIA



PLANTA INFERIOR



ALÇAO EXTERIOR

EDIFÍCIO DA REITORIA – UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

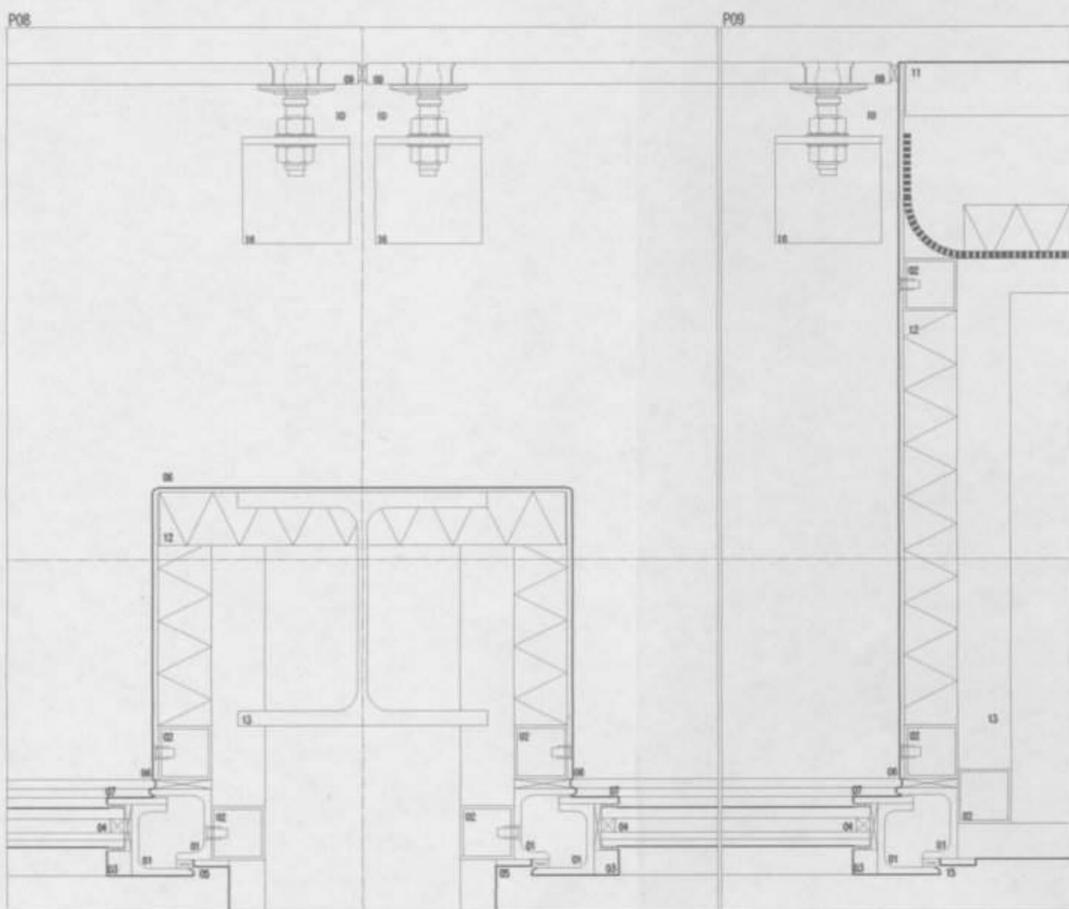
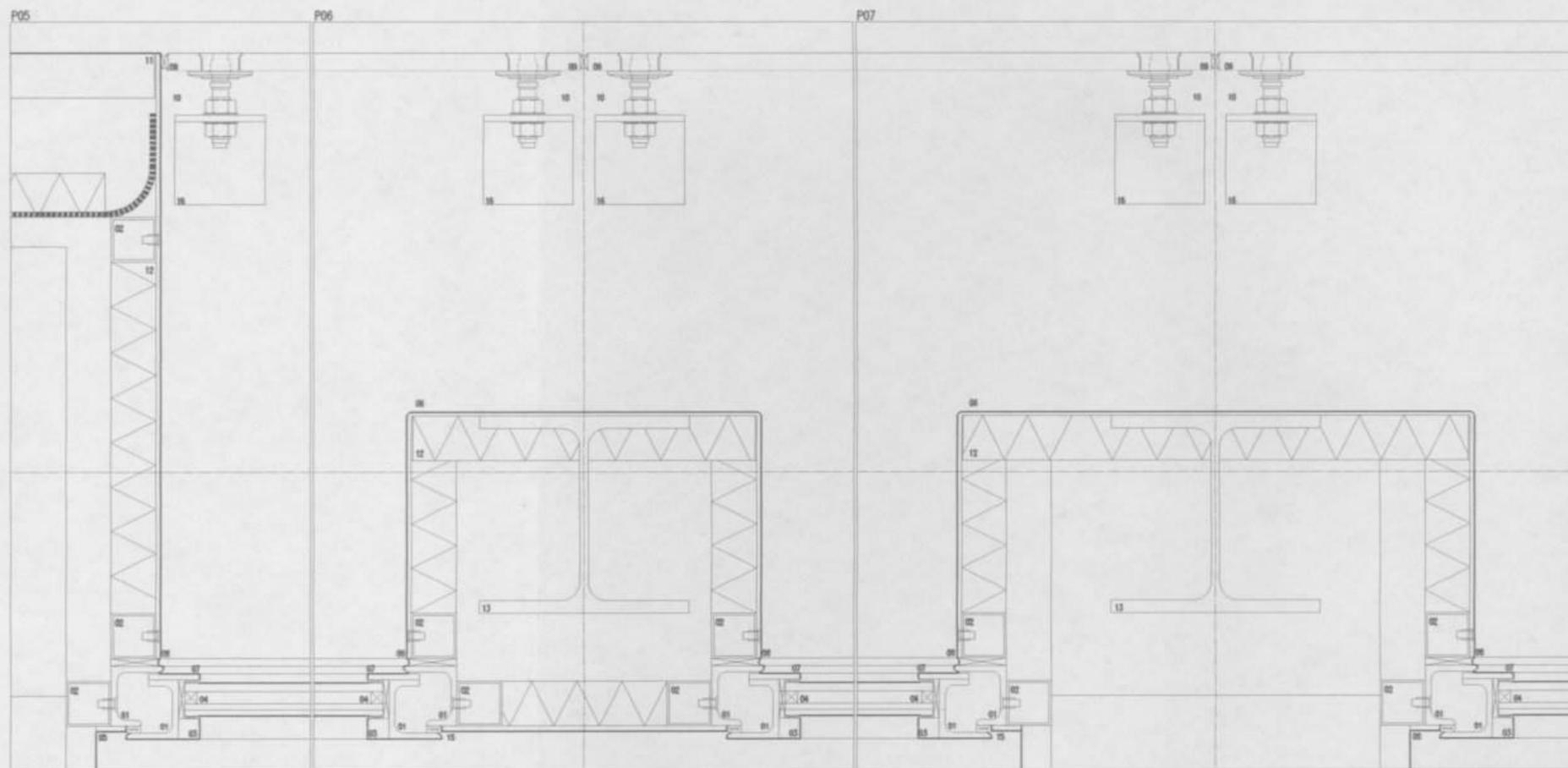
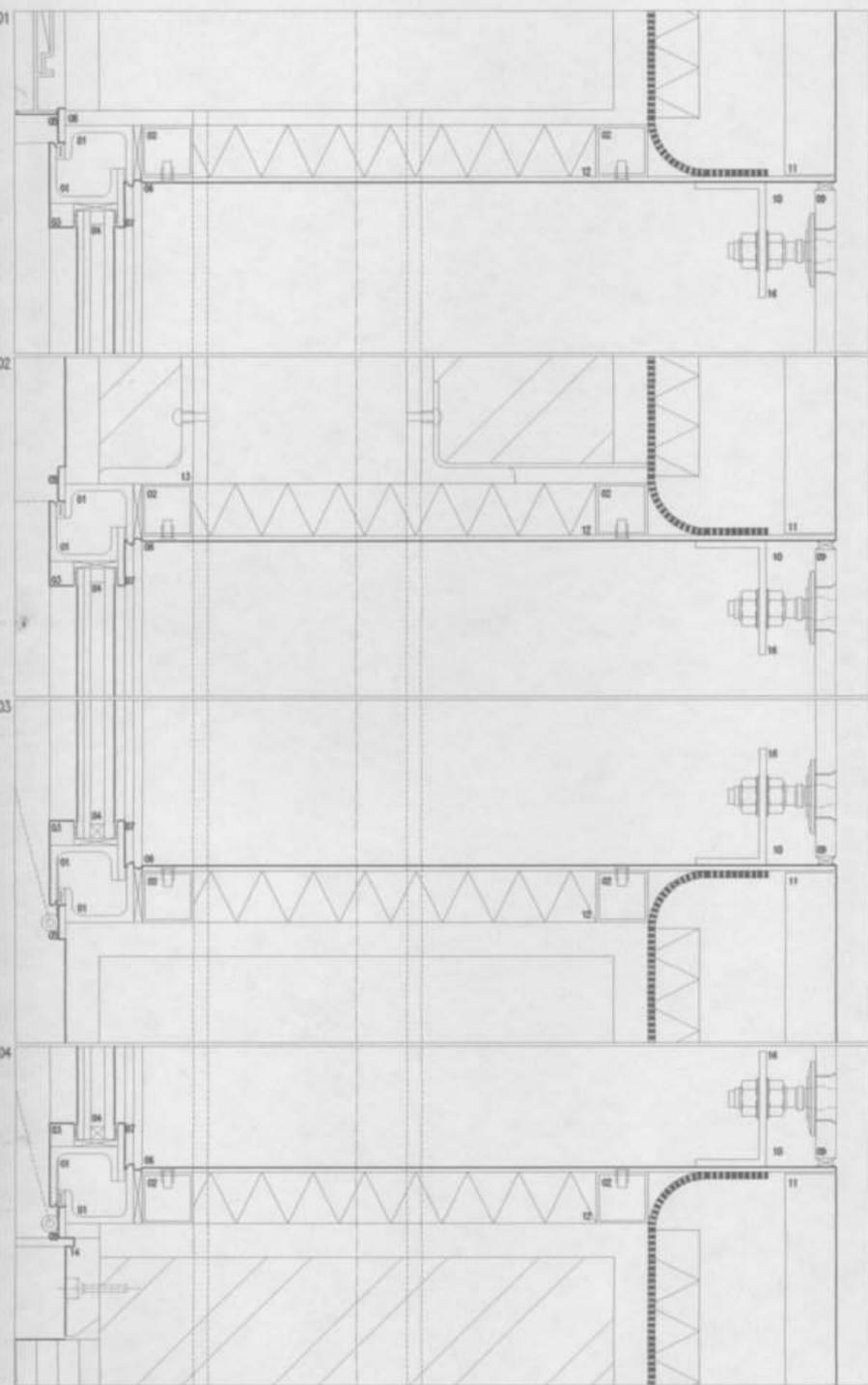
ARQUITECTURA
 ÁREA TÉCNICA E ACADÉMICA
 Manuel Aires Vilhota, arquitecto
 Francisco Novo Vilhota, arquitecto

Av. do Exército Político, 265 - 1250-228 LISBOA * Tel: 286 21 19 - Fax: 287 43 25

Projeto: UNIVERSIDADE DE NOVA DE LISBOA
 Disciplina: ARQUITECTURA

MAPA DE VÃOS EXTERIORES – JANELA J1
 Escala: 1/20
 Data: 2008-08
 Folha: 1 de 15

PROJETO DE DECISÃO
1/20
2008-08
1 de 15



- LEGENDA:
- 01 - PERFIL DE AÇO 70x100 40x20x0,8mm
 - 02 - PERFIL DE AÇO 30x30x 30x30mm
 - 03 - VIGAMENTO DE AÇO 20x20mm C/ FIBRADO SEXTADO INTERIOR DE AÇO INOX
 - 04 - VED. TUBULO (2) + PREENCHIMENTO + BOM. CABA. DE AR + BOM. COM. CAIXA DE NEUMÁTICO
 - 05 - BARRA DE AÇO 25x4mm
 - 06 - CAPSA DE AÇO 1,5mm #PREENCHIDA AOS PERIF. C/ FIBRADO DE AÇO INOX SEXTADO INTERIOR
 - 07 - BARRA DE AÇO 20x4mm
 - 08 - BARRA DE AÇO 25x4mm CURVADA NO CÉU
 - 09 - VED. REDONDO 12mm SELADO COM SILICONE ORGÂNICO
 - 10 - PERFIL DE FIBRADO DO VED. (2)
 - 11 - FOLHA 20mm. COCOSA
 - 12 - POLIMERIZADO 20mm
 - 13 - COLUNA DE SUPORTE DAS LAMES DAS JANELAS
 - 14 - ACÓFON. EM AÇO
 - 15 - BARRA DE AÇO 15x4mm
 - 16 - FUNÇÃO DO VED. TIPO "VALZEM"

EDIFÍCIO DA REITORIA – UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

ARQUITECTURA
 ARQUITECTURA E ARQUITECTURA
 Manuel Aires Vilhota, arquitecto
 Francisco Aires Vilhota, arquitecto

Rua do Exército, 205 – 1200 LISBOA • Tel. 384 31 16 – Fax 387 42 25

Projeto: UNIVERSIDADE DE NOVA DE LISBOA
 Tipo: ARQUITECTURA
 MAPA DE VÃOS EXTERIORES – PORMENORES J1

PROJETO DE EXECUÇÃO
 Escala: 1/2
 Data: AÇO 08
 Folha: A53

PLANO DE ESTÁGIO

Introdução

Na definição de um plano de estágio, pretendo clarificar previamente algumas opções tomadas e de relevante importância. Sendo o estágio uma entrada na realidade profissional de arquitecto e constituindo ainda o terminar de uma etapa académica, pretendo a maior insistência possível nos desejos e paixões já por mim atrás encontrados e hoje, de alguma maneira, mais evidentes. Encontrar na verdade das coisas a sua naturalidade com outras. É nestes limites que me pretendo mover e responder às inúmeras questões que serão levantadas quer por mim, quer por toda a equipa de trabalho, da qual faço parte.

O estágio será então contituido pela participação em dois projectos do atelier devidamente calendarizados.

O primeiro projecto é a participação no concurso do Grande Espaço Coberto Para Assembleias (GECA) e Outros Espaços, lançado por convites, pelo Santuário de Fátima, ao Arq. Gonçalo Byrne. O atelier participa como associado, formando assim uma equipa, juntamente como todas as especialidades.

O segundo trata-se do Projecto de Execução do Edifício da Reitoria da Universidade Nova de Lisboa, que se encontra na fase de Projecto Base.

CALENDARIZAÇÃO

Grande Espaço Coberto para Assembleias (GECA)

1 de Janeiro a 13 de Março de 1998

1 Janeiro a 31 de Janeiro – Análise do Programa;

1 Fevereiro a 28 de Fevereiro – Solução e sua Representação;

1 Março a 10 de Março – Apresentação;

Reitoria da Universidade Nova de Lisboa

15 de Março a 30 de Junho de 1998

15 de Março a 30 de Abril – Actualização do Programa;

1 de Maio a 31 de Maio – Execução dos Desenhos Gerais (escalas 1/100 e respectivas especialidades);

1 de Junho a 30 de Junho – Desenhos de Pormenor (escalas 1/50, 1/20 e 1/2);

Relatório

Relatório de Estágio

1 de Julho a 30 de Agosto de 1998

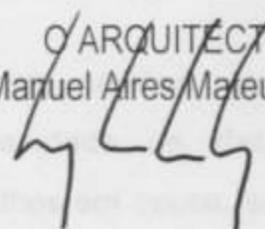
DECLARAÇÃO

DECLARAÇÃO

Para os devidos efeitos declaro que acompanhei, na qualidade de supervisor, o estágio realizado por Rodolfo Reis Dias no atelier Aires Mateus & Associados, no período de Janeiro a Junho de 1998.

Na resolução dos diversos trabalhos em que participou, pude constatar o elevado sentido de responsabilidade e profissionalismo, para além do empenho e entusiasmo que demonstrou. Saliento ainda a excelente forma como se integrou na equipa de trabalho.

O ARQUITECTO
Manuel Aires Mateus



Lisboa, 1 de Agosto 1998

[Faint signature and text at the bottom of the page]

DECLARAÇÃO

Francisco Aires Mateus, sócio gerente da firma A.M.A. - Aires Mateus & Associados, declara ter orientado o estágio realizado por Rodolfo Reis Dias, realizado entre Janeiro e Junho de 1998.

Durante o período de estágio foram executados pelo estagiário os seguintes trabalhos

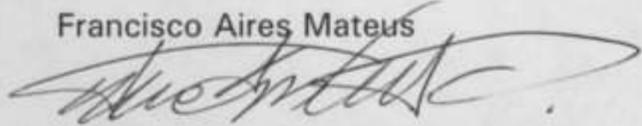
- Concurso para o Grande Espaço Coberto para a Assembleia - GECA, em Fátima(com o Arq.º Gonçalo Byrne), na fase de concurso - escala 1:200.
- Projecto do Edifício da Reitoria da Universidade Nova de Lisboa, incluindo a fase de Projecto de Execução.

A relação de trabalho com o estagiário foi sempre altamente motivante, cremos que para ambas as partes, tendo ficado provada a sua invulgar capacidade de trabalho designadamente pela sua entrega às mais diversas etapas dos trabalhos em causa, sendo este factor mais relevante dada a celeridade dos dois processos em que esteve envolvido.

De realçar também a sua invulgar capacidade de construção de modelos a três dimensões ou o desenvolvimento de trabalho de desenho em sistema CAD e PhotoShop.

Arquitecto

Francisco Aires Mateus



Lisboa 10 de Setembro de 1998

DECLARACIÓN

Francisco José Martínez, con D.N.I. nº 1.234.567.890, en calidad de representante legal de la empresa "S.A. de Industrias y Comercio", declara que el presente es un documento auténtico y que el contenido de los mismos es verdadero y correcto en todo y por todo. Asimismo, declara que el contenido de los mismos no contradice ni se opone a ningún otro documento que se encuentre en poder de la empresa o de terceros. En consecuencia, manifiesta que el contenido de los mismos es fiel y verazmente reflejo de la realidad. Esta declaración se hace en el momento de la firma del presente documento y en el lugar y fecha que se indica al pie de la misma.

Francisco José Martínez

Lugar y fecha de la declaración: Madrid, a 10 de Septiembre de 1988.